UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA LITORAL NORTE – OSÓRIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA

GILSE ELAINE KRAPF

"VOCÊS DEVERIAM PERGUNTAR AS COISAS PARA AS CRIANÇAS, NÓS TEMOS IDEIAS BRILHANTES!":
a escuta das crianças na Revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal da cidade de Osório/RS

OSÓRIO
2022

GILSE ELAINE KRAPF

“VOCÊS DEVERIAM PERGUNTAR AS COISAS PARA AS CRIANÇAS, NÓS TEMOS IDEIAS BRILHANTES! ”:

a escuta das crianças na Revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal da cidade de Osório/RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.ª. Drª. Carolina Gobbato

OSÓRIO
2022

Catalogação de Publicação na Fonte

K89v Krapf, Gilse Elaine.
"Vocês deveriam perguntar as coisas para as crianças, nós temos ideias brilhantes! ": a escuta das crianças na Revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal da cidade de Osório/RS. / Gilse Elaine Krapf. - Osório, 2022.

76 f.

Orientadora: Prof.ª Drª. Carolina Gobbato.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Unidade em Osório, 2022.

1. Crianças e cidade. 2. Mobilidade urbana. 3. Cidade das crianças. 4. Escuta das crianças. I. Krapf, Gilse Elaine. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Valéria Lucas Frantz CRB10/1710

GILSE ELAINE KRAPF

"VOCÊS DEVERIAM PERGUNTAR AS COISAS PARA AS CRIANÇAS, NÓS TEMOS IDEIAS BRILHANTES! ": a escuta das crianças na Revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal da cidade de Osório/RS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.ª. Drª. Carolina Gobbato

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA.

_____

Orientadora Prof.ª Drª Carolina Gobbato
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

_____

Prof.ª Drª Helena Venites Sardagna
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

_____

Prof.ª. Me. Claines Kremer

Dedico este estudo aos grandes admiradores e incentivadores da minha vida, meu marido, Jorge, e meus filhos Carlos, Shayane e Amanda, minha família, meu melhor projeto, que deram vida a um sonho e este constitui-se no que sou.

AGRADECIMENTOS

Muito obrigada, vida: pela grande família, meus pais, irmãos, cunhadas, cunhados, sogro, sogra, marido, filhos, filhas, genros, noras, sobrinhos, sobrinhas, agregados, amigos e chegados. Que com o carinho e a torcida de sempre, me motivaram para a concretização de mais esta etapa da minha vida; pela oportunidade de estudo e condições para honrar este compromisso frente às dificuldades, que não foram poucas; pelas amigas que ganhei durante o curso, companheiras de noites em claro de estudos e escritas de trabalhos, que levarei por toda a vida. Por tudo que me é mais caro, valeu!

Agradeço a minha orientadora Profa. Dra. Carolina Gobbato, pela confiança em meu projeto, pela dedicação, carinho, atenção e por estar sempre disposta a me ouvir e orientar não importando o dia ou o horário.

Agradeço aos professores e professoras do curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura da Uergs, com quem muito aprendi

Agradeço a honra de ter na banca examinadora, a Profa. Dra. Helena Venites Sardagna e a Profa. Me. Claines Kremer, que se dispuseram a ler e a contribuir com este trabalho.

Agradeço a equipe do Órgão Técnico do Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal da cidade de Osório/RS. Em especial, ao arquiteto Alencar que acolheu a minha ideia e se colocou à disposição, o que foi essencial para realização deste trabalho.

Enfim, obrigada a todos e todas que, direta ou indiretamente, me acompanharam e me fortaleceram nesta caminhada.

Imagem 1 - Ideias brilhantes

Fonte: Autora (2022)

[...] a cidade é um lugar lindo, fascinante, rico de recursos e de coisas a serem descobertas. A cidade é um pedaço do mundo [...]
(TONUCCI, 2005, p.122)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve por objetivo geral investigar a relação das crianças com a cidade de Osório/RS, compreendendo o processo de participação na Revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal. A pesquisa sustentou-se teoricamente no diálogo entre as áreas de Arquitetura e Urbanismo, Geografia da Infância, Sociologia da Infância e Pedagogia, com autores que abordam sobre a criança e a cidade, dentre eles: Tonucci (2005; 2013; 2019; 2020), Sarmento (2018), Lopes et al (2005; 2006), Gobbi *et al*. (2021), Voguel (1985), Jacobs (2019), Lynch (2019) e Lima (2013). Em uma perspectiva de pesquisa qualitativa, do ponto de vista metodológico, realizou-se um estudo de caso no município de Osório/RS, com observação participante em duas oficinas com crianças realizadas por integrantes do Órgão Técnico do Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal e entrevista remota com o arquiteto responsável pelo movimento de escuta das crianças durante a etapa diagnóstica da revisão do Plano Diretor Municipal. Além disso, a geração de dados valeu-se de documentos veiculados nas mídias e redes sociais, eventos e entrevistas sobre a participação das crianças nas decisões acerca da cidade de Osório/RS. Como instrumento de registro, optou-se por fotografias, pequenos vídeos, áudios e diário de campo das oficinas, gravação da entrevista realizada por videoconferência, bem como capturas de telas de imagens de eventos, entrevistas e redes sociais. A análise dos dados possibilitou a organização em dois eixos: o primeiro, iniciativas/ ações; o segundo sobre as oficinas e a participação das crianças. Os resultados da pesquisa indicam que o município pesquisado vem realizando ações para aproximar-se das crianças, em um movimento de escuta que visa a participação delas, na revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal, estreitando assim a relação das crianças com a cidade. As crianças têm muito a falar sobre a cidade, levar em consideração seus pensamentos e ideias no planejamento urbano é uma possibilidade para conceber uma cidade melhor para todos.

Palavras-chave: Crianças e Cidade; Mobilidade urbana; Cidade das crianças; Escuta das crianças.

ABSTRACT

The present Course Completion Work had the general objective to investigate the relationship of children with the city of Osório/RS, including the process of participation in the Review of the Master Plan for Municipal Development. The research was theoretically based on the dialogue between the areas of Architecture and Urbanism, Geography of Childhood, Sociology of Childhood and Pedagogy, with authors who address children and the city, among them: Tonucci (2005; 2013; 2019; 2020), Sarmento (2018), Lopes et al (2005; 2006), Gobbi *et a*l (2021), Voguel (1985), Jacobs (2019), Lynch (2019) and Lima (2013). In a qualitative research perspective, from a methodological point of view, a case study was carried out in the city of Osório/RS, with participant observation in two workshops with children carried out by members of the Technical Body of the Master Plan for Municipal Development and remote interview with the architect responsible for the children's listening movement during the diagnostic stage of the revision of the Municipal Master Plan. In addition, the generation of data made use of documents published in the media and social networks, events and interviews about children's participation in decisions about the city of Osório/RS. As a recording instrument, we opted for photographs, short videos, audios and a field diary of the workshops, recording of the interview carried out by videoconference, as well as screenshots of images of events, interviews and social networks. Data analysis enabled the organization in two axes: the first, initiatives/actions; the second on workshops and children's participation. The research results indicate that the researched municipality has been carrying out actions to get closer to the children, in a listening movement that aims at their participation in the revision of the Municipal Development Master Plan, thus strengthening the children's relationship with the city. Children have a lot to say about the city, taking their thoughts and ideas into account in urban planning is a possibility to design a better city for everyone.

Keywords: Children and City; Urban mobility; Children's City; Children's listening.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Ideias brilhantes 7
Imagem 2 - Cidade de Osório/RS 35
Imagem 3 - Revisão do Plano Diretor.....36
Imagem 4 – Evento: Sair brincar - como planejar uma cidade com crianças?.....38
Imagem 5 - Participação de Osório 39
Imagem 6 – Oficina com as crianças 41

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Produções acadêmicas selecionadas sobre Criança e Cidade.....17
Quadro 2 – Síntese do percurso da pesquisa 37
Quadro 3 – Oficinas com crianças em que realizou-se a observação participante ...42
Quadro 4 - Mapeamento das propostas - realizadas, em andamento e previstas 46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
2 CRIANÇA E CIDADE: O QUE DIZEM AS PESQUISAS? 17
3 DIÁLOGOS TEÓRICOS 23
3.1 RUAS DA CIDADE: ESPAÇO PÚBLICO DE INTERAÇÕES SOCIAIS 23
3.2 RUA NÃO É LUGAR DE CRIANÇA? TERRITORIALIDADES INFANTIS 26
3.3 O QUE AS CRIANÇAS PODEM FAZER NA RUA? RESTRIÇÕES E POSSIBILIDADES 27
3.4 SE ESSA RUA FOSSE MINHA: ESCUTA DO ADULTO E DIREITO DAS CRIANÇAS COMO PARÂMETROS PARA MUDANÇAS NA CIDADE 29
4 PERCURSO METODOLÓGICO 34
4.1 ESTUDO DE CASO: O CONTEXTO DE OSÓRIO 34
4.2 PROCEDIMENTOS E ESTRATÉGIAS PARA CONSTRUÇÃO DOS DADOS 37
4.2.1 Observação participante nas oficinas com as crianças 41
5 ANÁLISES 45
5.1 PLANEJANDO A CIDADE DE OSÓRIO COM AS CRIANÇAS: INICIATIVAS/AÇÕES NA REVISÃO DO PLANO DIRETOR 45
5.2 COM A PALAVRA, AS CRIANÇAS: IDEIAS DESENHOS E NARRATIVAS SOBRE A CIDADE 50
5.2.1 Crianças e os lugares imaginários: inventando as próprias regras 53
5.2.2 Crianças e os melhores lugares: do íntimo ao público, territórios possíveis entre o conhecido e o desconhecido 54
5.2.3 Crianças sozinhas na rua: desafios e possibilidades 56
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 59
REFERÊNCIAS 63
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA 68
APÊNDICE B – PLANO INICIAL DE PESQUISA 69
APÊNDICE C – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 71
ANEXO A – CRONOGRAMA DAS OFICINAS 74

1 INTRODUÇÃO

> *"Olhar aprimorado traz consigo a possibilidade do estranhamento, tão caro a nossa formação humana e profissional, em seu sentido estrito, derivado de longo aprendizado. Afirmamos que, inscrita no cotidiano as crianças estão lá, mesmo quando aparentemente não estão [...]"*
> *(GOBBI et al., 2021, p.15)*

Ao pensar em qual seria o tema do meu Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), me deparei com muitas possibilidades. Mas o que me causava inquietação? Sobre qual assunto queria e precisava saber mais? Refletindo sobre, inicialmente, pensei nos espaços na Educação Infantil, um assunto que sempre me chamou atenção. Então procurei mais informações sobre espaços escolares e sua organização, arquitetura das escolas, espaços externos, pátios. Apesar desse assunto me encantar, ainda não me sentia tão provocada a aprofundar e pesquisar sobre o tema.

Em uma caminhada pelas ruas da cidade onde moro, percebi que não via crianças nas ruas, nas calçadas, nem nas praças. Afinal, onde estão as crianças? Sobre essa questão, Loro (2021) propõe uma reflexão para estimular nossa percepção a respeito de possíveis lugares onde vemos as crianças na cidade: em "[...] quais lugares da cidade viu uma criança no dia de hoje. Estavam acompanhadas por pessoas adultas? Ocupavam as calçadas da cidade ou faziam malabares no semáforo? [...]" (LORO, 2021, p.35).

Nos dias seguintes, manhãs foram destinadas a esse propósito, tentar achar as crianças. Mas raramente via uma criança em praças ou passando na garupa de uma bicicleta, e quando via estava sempre acompanhada de um adulto. A partir dessa observação, me indaguei sobre se as cidades foram pensadas para acolher as crianças e suas infâncias.

Assim, surgiu o interesse em pesquisar sobre "Crianças e Cidade", procurando refletir sobre como as limitações impostas às crianças afetam as infâncias e a forma de se relacionarem com o lugar onde habitam, bem como inventariar possibilidades. Tendo em vista as inquietações e observações acima compartilhadas, que motivaram a pesquisa, foram elencados questionamentos relacionados às crianças e a cidade.

As crianças são ouvidas nas cidades? Elas participam das decisões referentes à cidade? Suas necessidades são consideradas no planejamento urbano?

Desse modo, foi sendo definido este trabalho, que teve como foco a compreensão da relação das crianças com a cidade. Para tal, busquei aprofundar os conhecimentos sobre o tema pretendido, em especial nos estudos de Tonucci (2005; 2019; 2020), Sarmento (2018), Lopes et al (2005;206), Gobbi *et al.* (2021), Voguel (1985), Jacobs (2019), Lynch (2019) e Lima (2013), como também na leitura dos documentos legais e contribuições de pesquisas publicadas sobre o assunto. Com esse referencial teórico, abordaram-se as crianças na cidade, relações sociais, espaços públicos, bem como questões relacionadas à mobilidade urbana, escuta do adulto e direitos das crianças.

É necessário promover uma reflexão que leve os adultos a pensar sobre as crianças e seus direitos à cidade, provocando inquietações quanto à necessidade de mudanças na organização dos espaços urbanos para que acolham a criança e suas infâncias. As escolas podem ajudar a diminuir esse isolamento das crianças em espaços pensados para a infância, à medida que olharem mais para o entorno das escolas, numa relação de união entre os espaços de dentro e de fora das instituições de educação. Nesse sentido, este trabalho poderá colaborar com os estudos educacionais, uma vez que é também na cidade e nos seus espaços públicos, como ruas, calçadas e praças, que as interações sociais acontecem, potencializando-se as possibilidades de exploração e experiências das crianças, tornando o processo de construção de conhecimento e aprendizagem mais significativo.

Assim, a princípio, a intenção era desenvolver esta pesquisa com crianças em uma escola de Educação Infantil. Entretanto, enquanto pesquisava sobre mudanças no planejamento das cidades com base nas necessidades das crianças, por coincidência, fiquei sabendo de uma entrevista numa rádio do Litoral Norte, sobre a revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal, da cidade de Osório/RS, e o processo de inclusão do município na rede de “Cidades das Crianças[1]”, projeto coordenado pelo educador italiano Francesco Tonucci [2]. Diante disso (re) defini a investigação, que passou a ser direcionada para a experiência em andamento no

[1] Quase 200 cidades em vários países da Europa e América Latina fazem parte da Rede Internacional Cidade das Crianças. Disponível em: https://www.lacittadeibambini.org/en/international-network/

[2] Pedagogo italiano, idealizador do projeto internacional “A Cidade das Crianças”. Disponível em: https://www.lacittadeibambini.org/en/about-us/

município de Osório/RS, mantendo o objetivo de compreender a relação das crianças com a cidade.

Na sequência, a pergunta que guiou esta pesquisa foi: ouvir as crianças, levando em conta suas necessidades, é um caminho possível para conceber uma cidade melhor para todos? Em decorrência, o objetivo geral do estudo foi investigar a relação das crianças com a cidade de Osório/RS, compreendendo o processo de participação das crianças na Revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal.

Os objetivos específicos consistiram em: a) analisar a experiência de Osório que está sendo realizada com inspiração no Projeto Internacional "A Cidade das Crianças"[3]; buscando informações que comuniquem o percurso; b) mapear ações/ iniciativas realizadas com vistas ao planejamento da cidade a partir das crianças; c) acompanhar o movimento de escuta das crianças realizado pela equipe do Órgão Técnico do Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal de Osório/RS nas oficinas, documentando sua participação e procurando escutá-las sobre a cidade.

Como escolha metodológica para a pesquisa, optou-se por um Estudo de Caso de abordagem qualitativa voltado à experiência de Osório durante a revisão do Plano Diretor da cidade, baseado em observação participante (YIN, 2016). As estratégias para geração de dados incluíram entrevista com organizador do movimento de escuta das crianças, o arquiteto Alencar Massulo de Oliveira da equipe de Gestão Territorial; pesquisa nos documentos disponibilizados pela prefeitura em mídias, redes sociais, e eventos realizados sobre a revisão do Plano Diretor; conversas com pessoas envolvidas diretamente com o projeto, bem como observações nas oficinas realizadas com crianças em duas escolas de Ensino Fundamental, contemplando a escuta de suas narrativas e informações compartilhadas. Como instrumento de registro, optou-se por fotografias, pequenos vídeos, áudios e diário de campo das oficinas, bem como capturas de telas de imagens veiculadas pela prefeitura nas mídias e redes sociais.

Este trabalho está dividido em 6 capítulos: no capítulo 2 "Criança e cidade: O que dizem as pesquisas? ", é apresentado um levantamento de estudos que apontam questões das relações das Crianças e Cidades, tema desta pesquisa. No capítulo 3, "Diálogos Teóricos", fundamentando este trabalho, são elucidados conceitos nas áreas de Arquitetura e Urbanismo, Geografia da Infância, Sociologia da Infância, a organização das cidades adotando a criança como parâmetro, a escuta do adulto e

[3] Para maiores esclarecimentos, sugere-se consultar: https://www.lacittadeibambini.org/en/project/

os direitos das crianças. No capítulo 4, “Percurso Metodológico”, é detalhada a escolha, abordagem e estratégias desenvolvidas na construção dos dados deste estudo, bem como contextualizado o município de Osório/RS. No capítulo 5, intitulado “Análises”, são descritas as interpretações dos dados da pesquisa e apresentados os eixos analíticos. E por fim, no capítulo 6 “Considerações finais”, são apresentados os resultados da pesquisa.

2 CRIANÇA E CIDADE: O QUE DIZEM AS PESQUISAS?

Neste capítulo é apresentado o Estado do Conhecimento, construído para identificar publicações existentes a respeito do tema escolhido para essa pesquisa: “Crianças e Cidade”. O Estado de Conhecimento, segundo Marosine e Fernandes (2014) possibilita “[...] uma visão ampla e atual dos movimentos da pesquisa ligados ao objeto da investigação que pretendemos desenvolver. É, portanto, um estudo basilar para futuros passos dentro da pesquisa pretendida” (MAROSINE; FERNANDES, 2014, p.158).

Para tanto, foi realizada a busca em 4 repositórios, sendo eles: da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do *Google* Acadêmico. Foi encontrado um total de 2268 trabalhos, e selecionados 7, tendo em vista a proximidade com o foco da pesquisa.

Ainda, foram acrescentados neste Estado do Conhecimento, dois dossiês temáticos com recente produção sobre o tema dessa pesquisa: referente ao primeiro dossiê, “Geografia da Infância: fronteiras e conexões”, foram escolhidos 2 artigos; do segundo, intitulado “Crianças e suas infâncias na cidade”, foi selecionado 1 artigo. Com isso, tem-se um total de 10 produções acadêmicas que serão apresentadas neste levantamento:

Quadro 1 - Produções acadêmicas selecionadas sobre Criança e Cidade

TÍTULO	AUTORIA	FONTE
Reggio Emília e San Miniato: experiência em política pública para qualidade da infância	Valéria Andreetto	Repositório: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Centro Internacional de Estudos, Memórias e Pesquisas da Infância: uma proposta de política pública para continuidade das ações educacionais da Rede Municipal de Jundiaí.	Vastí Ferrari Marques	Repositório: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
A escola e a cidade: experiências de crianças e adultos em excursões na Educação Infantil	Túlio Campos	Repositório: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Na cidade, com crianças: uma etno-grafia especializada	Samy Lansky	Repositório: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Infância e Cidade: inventar espaços e modos de viver.	Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto e Maria Lívia do	Repositório: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

	Nascimento	
Infância e Cidade: reflexões sobre espaço e lugar da criança.	Ana Lucia Castilhano de Araújo	*Google* Acadêmico
Infância e Cidade: Um Campo em Desenvolvimento	Fernanda Muller e Brasilmar Ferreira Nunes	*Google* Acadêmico
(In) visibilidade das crianças e (n) as cidades: há crianças? Onde estão?	Maria Letícia B.P. Nascimento	Dossiê: Geografia da infância: fronteiras e conexões.(.Revista Educação em Foco)
A cidade na infância, a infância na cidade	Vânia Araújo	Dossiê: Geografia da infância: fronteiras e conexões.(Revista Educação em foco)
Infância e cidade: desafios da participação e da representação	Beatriz Corsino Pérez *et al.*	Dossiê: Crianças e suas infâncias na cidade.(Caderno de Pesquisa em Educação)

Fonte: Autora (2022)

Na busca por trabalhos no repositório da Universidade Estadual de Campinas, (Unicamp) realizada com os descritores: “Crianças, cidade, espaço público e Políticas Públicas para infância”, com recorte temporal de 10 anos (2011 – 2021) e utilizando como filtro as opções: “Educação” e “Educação Infantil” foram encontrados 44 documentos. De acordo com o tema da pesquisa, foram escolhidas duas Dissertações de Mestrado.

A primeira, de autoria de Valéria Andreetto**,** a Dissertação de Mestrado **“***Reggio Emília* e *San Miniato*: experiência em política pública para a qualidade da infância” (ANDREETTO, 2014), traz um estudo com o propósito de refletir sobre a política de educação infantil nas cidades de *Reggio Emília* e *San Miniato*, na Itália. A pesquisa foi realizada no Centro Internacional Loris Malaguzzi, em *Reggio Emília* e em duas creches e duas escolas infantis. Em *San Miniato* a autora visitou o Centro de Pesquisa e Documentação *La Bottega di Geppetto* e duas escolas de educação infantil. A pesquisa apresenta um histórico das cidades estudadas e da educação infantil, refletindo sobre políticas públicas e projetos voltados à infância adotados nas cidades estudadas.

A segunda, escrita por Vastí Ferrari Marques, a Dissertação de Mestrado: “Centro Internacional de Estudos, Memórias e Pesquisas da Infância: uma proposta de política pública para continuidade das ações educacionais da Rede Municipal de Jundiaí” (MARQUES, 2021) retrata a cidade e suas políticas públicas voltadas à infância. Segundo a autora, Jundiaí é uma cidade que pensa na criança e, conectada com o mundo contemporâneo, é a segunda cidade brasileira a estabelecer parceria

com a Rede Latino-Americana Cidade das Crianças, hoje com sede na Argentina, além de ser uma das 11 cidades brasileiras a compor o Projeto Urban.95, da Fundação Bernard Van Leer. O trabalho aborda também sobre o Centro Internacional de Estudos, Memórias e Pesquisas da Infância (CIEMP), que é um espaço de política pública de continuidade, existente em Jundiaí independentemente das possibilidades de um governo ou outro.

Continuando a busca por publicações acadêmicas relacionada ao tema da pesquisa “Crianças e Cidades”, no repositório da UFMG, agora com os descritores “crianças e cidade”, sem filtros e com o mesmo recorte temporal de dez anos (2011 – 2021), foram encontrados 1944 documentos. Após leitura dos títulos, duas Teses de Doutorado foram selecionadas:

A primeira, de autoria de Túlio Campos, “A escola e a cidade: experiências de crianças e adultos em excursões na Educação Infantil” (CAMPOS, 2019) traz questões conceituais acerca dos temas Infância, Escola e Cidade, discorrendo sobre experiências de infância no contexto da cidade e a exploração dos espaços pelas crianças e adultos. Tem como ponto de partida o Projeto “Educando a Cidade para Educar” e a proposta pedagógica de uma escola municipal de Educação Infantil, refletindo acerca das relações entre escola, a criança e a cidade, com intenção de apresentar as experiências de infâncias no contexto da cidade pesquisada, segundo o autor “por meio de um referencial teórico multidisciplinar – baseado nos Estudos Sociais da Infância e da Cidade, da Geografia da Infância, da Sociologia da Infância, da Antropologia da Criança e das Pedagogias da Infância e da Educação Infantil” (CAMPOS, 2019).

A segunda, de autoria de Samy Lansky, “Na cidade, com crianças: uma etnografia especializada” (LANSKY, 2012), compreendeu uma investigação das formas de observar, conhecer e mapear o espaço urbano com crianças, evocando questões relativas ao planejamento de espaços para crianças, nas interfaces entre o planejamento urbano, a arquitetura e o design em suas diversas escalas. Como foco de análise, o autor abordou os usos dos espaços pelas crianças, concluindo que “[...] de forma mais abrangente, caracteriza espaços públicos na cidade grande brasileira e a experiência urbana: a descontração e, ao mesmo tempo, a violência multifacetada e multidirecional” (LANSKY,2012).

Na continuidade do levantamento de trabalhos para compor esse Estado do Conhecimento, foi realizada a busca por estudos no repositório da UFRGS, usando

os descritores “Cidade e Criança”, e mantido o mesmo recorte temporal de 10 anos (2011–2021). Foram encontrados 33 documentos, dos quais um artigo foi selecionado:

O trabalho “Infância e Cidade: inventar espaços e modos de viver” (LAZZAROTTO *et al*, 2016), das autoras Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto e Maria Lívia do Nascimento, faz uma análise em relação ao modo de olhar a infância e a cidade, assim como as práticas de proteção e de controle da infância nas legislações que tratam da criança no contexto brasileiro. Para as autoras, a criança está na cidade numa condição de proteção, que vai sendo associada ao ordenamento de uma vida privada, que estabelece uma barreira com as relações da vida pública.

No *Google* Acadêmico, pesquisando sobre “infância e cidade”, com recorte temporal de dez anos (2011-2021), foram encontrados 172 resultados, dos quais dois artigos foram selecionados:

O primeiro artigo, “Infância e Cidade: reflexões sobre espaço e lugar da criança” (ARAUJO, 2016), no qual a autora Ana Lucia Castilhano de Araújo reflete sobre as relações entre crianças e cidades, apresentando argumentos a favor do uso urbano pelas crianças e ressaltando a situação de dependência da criança diante do adulto.

O segundo, “Infância e Cidade: Um Campo em Desenvolvimento” (MULLER; NUNES, 2014) no qual Fernanda Müller e Brasilmar Ferreira Nunes fazem uma análise sobre as cidades, criadas e planejadas pelos adultos, com foco nas interações, no uso e apropriação da cidade pelas crianças, em contraste com o poder do adulto. Ao concluírem, refletem acerca da relação de poder do adulto sobre a criança, que se mostra disfarçada como proteção, e defendem que as “experiências e interações da criança na cidade são fundamentais para o seu processo de socialização” (MULLER; NUNES, 2014). Todavia, ressaltam, que não defendem uma autonomia plena das crianças, por considerarem os riscos e as dificuldades para isso, mas salientam que apesar dos perigos, as cidades oferecem oportunidades, sendo “[...] claro que é necessário romper com a imagem difundida de que a cidade apresenta mais perigos do que possibilidades às crianças” (MULLER; NUNES, 2014, p.621).

Acrescido a isso, foram incluídos no Estado do Conhecimento dois dossiês temáticos com discussões recentes sobre o tema. Do primeiro dossiê “Geografia da infância: fronteiras e conexões”, publicado pela revista “Educação em Foco”, em 2018, dois artigos foram escolhidos:

O primeiro, “ (In) visibilidade das crianças e (n) as cidades: há crianças? Onde estão? ” (NASCIMENTO,2018), de autoria da Maria Letícia B. P. Nascimento, é destacado que as crianças têm sido invisibilizadas nas cidades e as ruas parecem ser somente um lugar de passagem, de ida ou vinda de algum lugar, estando vazias de crianças e seus sons.

O segundo, de autoria da Vânia Araújo, o artigo “A cidade na infância, a infância na cidade” (ARAÚJO,2018), aborda temas como o direito à cidade e a padronização dos espaços destinados às crianças, que se tornam pouco convidativos, e não lhes permitem ampliar as possibilidades de brincadeiras nos diferentes tempos e espaços sociais onde habitam ou circulam, dificultando o estabelecimento de relações de sociabilidade com outras crianças.

O segundo dossiê temático acrescido nesse Estado do Conhecimento intitula-se “Crianças e suas infâncias na cidade” e foi publicado pela revista “Caderno de Pesquisa em Educação”, em 2019. Do referido dossiê um artigo foi selecionado:

“Infância e cidade: desafios da participação e da representação” (PERES *et al*.,2019), das autoras Beatriz Corsino Pérez, Brígida Lorana S, Rodrigues Silva e Caroline Abrantes de Vasconcelos Coelho, traz uma análise de oficinas realizadas com 60 crianças moradoras de diferentes bairros do município de Campos dos Goytacazes, estado do Rio de Janeiro. No estudo buscou-se conhecer as realidades locais e olhares das crianças sobre a cidade: como percebem, quais problemas enfrentam em seu cotidiano e como gostariam que a mesma fosse construída.

Em suma, o estado do conhecimento revelou que a mobilidade, assim como a percepção da cidade pela criança, os espaços públicos reservados a elas, e as políticas públicas para infância, são temas que tem chamado a atenção dos estudiosos das áreas da Educação, Sociologia da Infância, Geografia da Infância e Arquitetura e Urbanismo.

Por um lado, os trabalhos mapeados neste levantamento enfocam que as cidades são projetadas e ocupadas por adultos, e as crianças cada vez mais estão encerradas em suas casas, escolas e outros espaços pensados para elas, mas longe das ruas que representam perigo muitas vezes. Por outro lado, as produções acadêmicas que se referem a experiências de cidades, que com mudanças físicas e de conscientização dos adultos, aproximam-se de projetos como “A Cidade das Crianças”, idealizado por Francesco Tonucci, refletem sobre práticas nas quais as

crianças são ouvidas, buscando-se compreender o que desejam, o que necessitam, respeitando seus direitos, entre os quais o de brincar na rua e em segurança.

Enfim, ao construir esse Estado do Conhecimento, foi possível tomar ciência das produções acadêmicas que têm relação com a intenção de pesquisa, acerca do tema “Cidade e Crianças”, conhecer referenciais teóricos e metodológicos utilizados pelos pesquisadores, assim como experiências brasileiras e internacionais. Com isso, a partir desse estudo, foi possível definir os rumos da pesquisa e organizar a estrutura do trabalho, assim como escolher as referências teóricas que serão apresentadas no capítulo seguinte.

3 DIÁLOGOS TEÓRICOS

Nos “Diálogos teóricos” tecidos neste capítulo, são apresentados conceitos e compreensões relacionados ao tema “Crianças e Cidade”, dispostos em quatro seções. A primeira seção, apresenta alguns conceitos da Arquitetura e Urbanismo, dialogando com Voguel, Jacobs, Lynch e Lima, com destaque às ruas das cidades. Na segunda seção, é abordada a Geografia da infância com Lopes e Vasconcellos, evidenciando-se os conceitos de espaço, lugar e território, assim como a importância do sentimento de pertencimento, ser de algum lugar, ter um lugar seu, no desenvolvimento da criança. Na terceira seção, são tecidas contribuições da Sociologia da infância com Sarmento acerca das crianças como atores sociais, produtores de cultura, que vivem, interagem e dão sentido ao que fazem, o que nos permite problematizar as restrições impostas às infâncias e a circulação de forma fragmentada das crianças nas cidades. E por fim, na quarta seção, a perspectiva de Tonucci nos faz pensar sobre a importância da escuta do adulto, e uma postura que possibilite condições para as crianças se expressarem, e os direitos das crianças como parâmetro para mudanças nas cidades.

3.1 RUAS DA CIDADE: ESPAÇO PÚBLICO DE INTERAÇÕES SOCIAIS

Quando olhamos um mapa da cidade, a rua é vista como um corredor, com a função de conectar espaços, destinado à locomoção, mas se observarmos na prática, ela acaba tendo inúmeras formas de apropriação, ainda que não seja pensada e planejada para essa finalidade. Para além da circulação, a rua consiste em um dos espaços públicos fundamentais para trocas sociais.

Voguel (1985) entende que na sociedade há códigos culturais, que possibilitam a compreensão, apropriação e aproveitamento dos lugares. As noções de localização de territorialidade e do que lhe seja adequado, são organizadas a partir desses códigos.

O referido autor classifica os espaços da cidade em dois tipos: “o construído, fechado e em maior ou menor grau privatizado” como casas, escolas, e “o aberto e de uso coletivo”, como ruas, praças, jardins, praias. Entre esses dois espaços acontece a relação nos espaços de uso coletivo, isto é, surge a “vida comunitária”, onde ocorrem as manifestações culturais características de um grupo, que as distingue em relação aos demais. Afinal, “[...] uma rua é um universo de múltiplos eventos e relações” (VOGUEL, 1985, p.24).

Seguindo essa lógica, Jacobs (2000), reforça a importância das ruas de uma cidade, quando diz que as ruas e as calçadas servem para muitos fins:

> As ruas da cidade servem a vários fins além de comportar veículos; e as calçadas – parte das ruas que cabem aos pedestres – servem a muitos fins além de abrigar pedestres. Esses usos estão relacionados à circulação, mas não são sinônimos dela, e cada um é, em si, tão fundamental quanto a circulação para o funcionamento adequado das cidades (JACOBS, 2000, p. 29).

Jacobs (2000) destaca que as ruas e suas calçadas não servem apenas para passagem de carros e abrigar pedestres e salientando que, são os principais locais públicos de uma cidade, uma vez que “são seus órgãos vitais”. Nesse sentido, a autora questiona: “Ao pensar numa cidade, o que lhe vem à cabeça? Suas ruas” (JACOBS, 2000, p. 29).

As ruas são “órgãos vitais” que caracterizam a cidade. Ou seja, as ruas sendo calmas a cidade vai parecer calma, se elas forem agitadas a cidade parecerá agitada e se forem violentas, a cidade, ou parte dela, também será violenta e assim por diante. (JACOBS, 2000).

Já Lynch (2018) define as vias como canais de circulação, onde os habitantes de uma cidade se organizam e se relacionam à medida que se locomovem e ocupam as ruas. Assim, uma rua é “[...] percebida como uma coisa que vai dar num determinado lugar” (p.107). Sendo que, uma cidade é estruturada por um conjunto de vias organizadas para melhor servir as necessidades dos seus habitantes, assim a ideia é que a cidade não seja construída para uma pessoa, mas para muitas pessoas com diversidades (LYNCH, 2018).

Para Lynch (2018) algumas funções são fundamentais na organização das cidades, tais como:

> [...] circulação, usos principais do espaço urbano, pontos focais chaves. As esperanças, os prazeres e o senso comunitário podem concretizar-se. Acima de tudo, se o ambiente for visivelmente organizado e nitidamente identificado,

> o cidadão poderá impregna-lo de seus próprios significados e relações. Então se tornará um verdadeiro lugar, notável e inconfundível. (LYNCH, 2018, p.102)

O referido autor conclui dizendo que precisamos não só de um ambiente organizado, mas também “poético e simbólico”. Assim o ambiente deve ser pensado de tal forma que possa “[...] falar dos indivíduos e sua complexa sociedade, de suas aspirações e suas tradições históricas, do cenário natural, dos complexos movimentos e funções do mundo urbano” (LYNCH, 2018, p.134). Então, as ruas são ambientes cheios de vida, não devem ser estéreis e sim um lugar que represente seus habitantes, com seus costumes, suas culturas e suas histórias.

Lima (1989), por sua vez, resgata na história a rua como lugar de adultos e crianças. No entanto, sinaliza que com o tempo a rua foi ganhando uma única função: a de circulação. Ao passar a ser um lugar só de circulação, considera que a rua tornou-se um lugar perigoso. Na visão da autora, mesmo a rua sendo ainda o elemento principal entre o público e o privado, ela deixou de ser usada para as brincadeiras das crianças. Acresce-se a essa questão problemática o fato de que as crianças são tiradas das ruas e colocadas em instituições como as escolas, deixando de frequentar espaços abertos como a rua.

Diante desse contexto, Lima advoga que as crianças que já não tem o espaço das ruas tem que se adaptar e encontrar “[...] nas novas condições urbanas aqueles espaços permeáveis onde sejam possíveis o jogo e a brincadeira que envolva os companheiros da mesma idade e observar o mundo dos adultos” (1989, p.92). Nesse sentido, a autora reflete sobre a participação das crianças nos projetos dos espaços pensados para elas e ocupados por elas, destacando que “[...] as crianças mostram uma capacidade maior para responder aos estímulos novos, transformando os espaços através de um uso que lhes é próprio, desde que se assegurem condições para sua participação” (LIMA, 2013, p.80).

Desta forma, podemos entender que a rua é um espaço de oportunidade para as pessoas se conectarem, com potencial para uma variedade de interações. Os problemas relacionados ao tráfego e segurança pública acabam condicionando a forma como as pessoas se relacionam com e na rua, fazendo com que o local, em que antes era comum observar a interação entre vizinhos e ver crianças brincando, se torne vazio. Consequentemente, não encontramos crianças com muita frequência nas ruas das cidades e cada vez temos mais automóveis transitando.

Portanto, cabe questionar: se as ruas e as calçadas da cidade não são mais espaços de diversas ações, interações e socialização, onde estão as crianças? Essa questão sobre os lugares ocupados pelas crianças será tratada na próxima seção.

3.2 RUA NÃO É LUGAR DE CRIANÇA? TERRITORIALIDADES INFANTIS

É comum ouvirmos falar que a “rua não é lugar de criança”, expressão que delimita o que os adultos definem por locais destinados ou não às crianças. Para entendermos essa relação, a Geografia da infância, área de pesquisa e estudo que compreende a infância em seus diferentes contextos sociais e culturais, espaços e tempos (LOPES; VASCONCELOS, 2005), fornece o suporte. Nessa seção, são enfatizadas reflexões sobre os lugares ocupados e as interações das crianças, além dos conceitos de espaço, lugar e território, com vistas a compreensão do que constituem as territorialidades infantis.

Para Lopes e Vasconcellos (2005), a ideia de local (próprio ou não) para crianças sempre vai corresponder a uma visão do adulto, pois é ele quem decide os espaços destinados às crianças. Mas quando as crianças se apropriam dos espaços, reconfigurando, reconstruindo e criando seus territórios, se configuram as territorialidades infantis.

Os territórios permitem às crianças viverem suas infâncias, produzirem suas histórias, estabelecerem suas interações sociais, construírem suas identidades e suas geografias, sendo que temos diferentes grupos que implica em singularidades nos locais e territórios para as vivências das infâncias. Assim sendo, “Toda criança é criança de um lugar. Do mesmo modo, toda criança é criança em algum lugar” (LOPES; VASCONCELLOS, 2006, p.110).

Infância e lugar estão interligados, segundo Lopes e Vasconcellos (2005), visto que toda criança é criança de um local, portanto a cidade possui a função de localizar a criança no processo de construção de uma infância, relacionada a um local e não a outro. As crianças se apropriam do espaço, e sua permanência, o modo como ocupam os espaços, os sentidos que atribuem, os afetos e os valores transformam esses espaços em lugares. Trata-se então de lugares de crianças e não mais espaços para

crianças. Os lugares constroem e são construídos por memórias, ou seja, pertencemos a um lugar e esse lugar nos pertence.

Lopes e Vasconcelos (2006) afirmam ainda que é nesses lugares que as crianças produzem suas culturas. Não podemos falar em uma cultura infantil única, mas sim culturas infantis, que se estabelecem entre a produção infantil e a produção do lugar onde essa criança pertence, isto é, as produções das culturas infantis estão ligadas ao território que oferece material para essas produções. Segundo os autores:

> **Existe, portanto, uma estreita ligação entre a vivência da infância e o local onde ela será vivida**. Pois cada grupo social não só elabora dimensões culturais que tornam possível a emergência de uma subjetividade infantil relativa ao lugar, mas também designa a existência de locais no espaço físico que materializa essa condição. (LOPES; VASCONCELLOS,2006, p.112, grifo nosso)

Dessa forma, as interações entre sujeitos e lugares configuram não só uma relação física, mas também uma relação carregada de sentidos e significados partilhados, da singularidade dos que habitam os territórios e dos arranjos sociais de coletividade. Esses processos de identificação e construção de identidade, assim como os arranjos culturais e o grupo social a que pertencem, são traços que as crianças carregam por toda vida (LOPES; VASCONCELOS, 2016).

Considerando a importância das interações entre as crianças e os espaços públicos urbanos, podemos pensar: O que as crianças podem fazer nas ruas das cidades modernas? Tendo em vista essa provocação, problematizações entre restrições e possibilidades da ação das crianças na cidade são apresentadas na próxima seção.

3.3 O QUE AS CRIANÇAS PODEM FAZER NA RUA? RESTRIÇÕES E POSSIBILIDADES

O que as crianças podem fazer na rua? A partir dessa pergunta intrigante e com inspiração na Sociologia da Infância, que reconhece as crianças como atores sociais e produtores de cultura, que interagem dando sentido ao que fazem dentro de suas relações sociais com adultos ou outras crianças (SARMENTO; PINTO,1997), é compartilhado nesta seção uma reflexão sobre a circulação das crianças nas cidades.

Problematiza-se a forma como a relação das crianças com a cidade acontece de maneira fragmentada, com interdição, divisão e controle do espaço urbano.

Sarmento (2018) faz uma relação entre restrição e possibilidade à condição da infância na cidade, refletindo sobre os espaços para crianças, onde supostamente deveriam estar. Há uma organização de “espaços exclusivos e espaços de exclusão”, como diz o autor, que localizados nas “ilhas urbanas” trazem a dependência das crianças à mobilidade e limitação de sua autonomia. As crianças são levadas de um lugar para outro pelos adultos, em um fenômeno definido como fragmentação das cidades modernas: “Entre a casa, a escola e os lugares de lazer, as crianças urbanas são transportadas, circulando entre ‘ilhas urbanas’, no testemunho vivo da fragmentação das cidades modernas” (SARMENTO, 2018, p.233).

Conforme Sarmento, alguns motivos que levam a essa fragmentação das cidades modernas são o crescimento da quantidade de automóveis, engarrafamentos, acidentes, transformação de espaços em estacionamentos, violência, má conservação das calçadas, falta de sinalização de trânsito. Esses são alguns dos problemas que, por consequência, acabaram reduzindo as ações das crianças nos espaços públicos e suas experiências de vida urbana (SARMENTO, 2018).

A restrição de mobilidade e convivência social em espaços públicos limita as possibilidades de produção das crianças, uma vez que é na interação social que elas constroem consciência de que fazem parte dessa sociedade. Dessa forma, “[...] o afastamento espacial das crianças, ou a restrição, é também um afastamento da possibilidade de produção pela criança de uma autoconsciência como ser da cidade e como interveniente na vida em comum” (SARMENTO, 2018, p.235).

Ao contrário, Sarmento (2018) afirma que, na medida que a criança é incluída no espaço urbano, ela estabelece com a cidade uma relação que se integra à identidade e sua constituição como pessoa. A criança é enraizada no lugar e a percepção desse espaço passa a incorporar a sua personalidade. Segundo autor:

> As crianças continuamente investem de emoção e significado nos espaços que habitam, transformam-nos em lugares no sentido em que lhe atribuem um valor próprio, repleto de memórias, sentimentos e significações íntimas. O conhecimento e a percepção do espaço realizam-se no plano biográfico de cada criança e incorporam-se na sua própria personalidade (SARMENTO, 2018, p.237).

Considerando que a cidade exerce a função de fomentar interações e relações sociais e, levando em conta que as crianças fazem parte da sociedade, a participação

delas na vida social, nas ruas, na cidade, também é uma possibilidade de potencializar as produções de culturas, já que é nas relações sociais que são produzidas as culturas infantis.

Em síntese, a inclusão da criança no espaço urbano é também uma forma de garantir o direito da criança à cidade. Com isso, por efeito, o reconhecimento e a participação das crianças acontecem, ou seja, tem-se uma possibilidade do exercício da cidadania, na prática, questão que será tratada na próxima seção.

3.4 SE ESSA RUA FOSSE MINHA: ESCUTA DO ADULTO E DIREITO DAS CRIANÇAS COMO PARÂMETROS PARA MUDANÇAS NA CIDADE

As crianças possuem desejos, necessidades e direitos, porém nem sempre são ouvidas. Muitas vezes os espaços para infância são pensados para suprir as necessidades dos pais, sendo locais com muitas crianças, onde ficam por períodos longos com a impossibilidade de fugirem ou de se esconderem, nos quais não correm riscos e são controladas pelos adultos. (TONUCCI, 2005). Partindo dessa problemática, essa seção discute questões como a escuta do adulto, as condições para as crianças se expressarem e os direitos das crianças podem ser considerados parâmetros para mudanças na cidade.

No que se refere ao termo escuta, ele deve ser entendido para além de ouvir e podemos defini-lo como uma “sensibilidade aos padrões que conecta, ao que nos conecta aos outros; entregando-nos à convicção de que nosso entendimento [...] são pequenas partes de um conhecimento mais amplo” (RINALDI, 2012, p.124). Isso significa compreender a escuta com um verbo ativo, que se abre às diferenças, reconhece e valoriza o ponto de vista e a interpretação do outro. Trata-se, portanto, de uma metáfora que representa uma abertura e sensibilidade de escutar e ser escutado, uma suspensão de verdades engessadas que dá lugar a dúvidas, formulação de questões e valorização dos saberes infantis.

Tonucci (2005) coloca como condição para as crianças se expressarem a escuta do adulto, mas para isso é necessário que ele procure compreender as verdadeiras intenções das crianças. Isto é, “Para que a criança possa ser realmente

protagonista é importante levar os adultos a desenvolverem uma nova sensibilidade" (TONUCCI, 2019, p.95).

Todavia não é fácil compreender o que as crianças dizem. A disponibilidade para a escuta, requer do adulto "[...] muita curiosidade, atenção, sensibilidade e simplicidade" (TONUCCI, 2019, p.89). Nesse sentido, é importante ajudar as crianças a fugirem das respostas "óbvias e banais", pois nesses casos elas sabem o que os adultos esperam e desejam que elas respondam, encobrindo assim suas reais vontades e necessidades. É preciso provocar as crianças a ousarem, inventarem, e compreendê-las, indo além da simplicidade das propostas sugeridas por elas.

A escuta do adulto se faz necessária, uma vez que as condições que as crianças crescem hoje diferem da nossa infância. O cenário mudou, a criança não tem mais a liberdade nem o tempo livre que tínhamos para brincar nas ruas. A rua passou a ser "inimiga" por ser considerada perigosa, e assim as pessoas fecham-se, protegendo-se dos perigos, e prisioneiras em suas casas começam a temer cada vez mais as ruas.

Para Tonucci (2019), essa mudança aconteceu porque não se tem mais a noção de vizinhança e solidariedade, as pessoas não se sentem seguras, as relações sociais se tornaram mais complexas criando-se um distanciamento. Além dos perigos das ruas, as crianças estão cada vez mais ocupadas com atividades pensadas para elas pelos adultos, não tem tempo livre para brincar, o que acaba impossibilitando de saírem sozinhas. Apesar de reconhecer os problemas que envolvem as crianças e a cidade na contemporaneidade, o autor alerta que "[...] sair de casa, percorrer as ruas sozinho, conhecer o seu ambiente, é uma exigência importante do crescimento, não só social, mas também cognitivo, da criança" (TONUCCI, 2019, p.100).

Crianças e adultos pensam diferente sobre as relações com a cidade. Se as ruas e consequentemente as cidades não dão condições de segurança, os adultos pensam em maneiras de adaptar os espaços, fechando-se para proteger-se e proteger as crianças dos perigos, já as crianças pedem por mudanças. Conforme Tonucci, "Os adultos dizem: Já que estas são as condições da cidade, você fica em casa e se você tiver que sair eu vou acompanhá-lo e esperar você. As crianças dizem: "Já que estas são as condições da cidade, você tem que mudar" (2020, p. 246).

Em consonância com esse pedido de mudança feito pelas crianças, destaca-se o projeto do Tonucci, intitulado “A cidade das crianças”[4], desenvolvido em Fano, uma cidade da Itália. Esse projeto traz em sua proposta a escuta das crianças, nele as crianças são ouvidas e expressam suas necessidades. O trabalho tem como premissa mudar o parâmetro do homem adulto e trabalhador, referência nas cidades, pelas crianças, pois a ideia é que uma cidade que tem seus espaços adequados às necessidades das crianças será adequada às necessidades de todos. Em outras palavras, “Presume-se que quando a cidade estiver mais adaptada às crianças, estará mais adaptada a todos” (TONUCCI, 2019, p.61).

Assumir a criança como parâmetro de mudança e transformação das cidades significa devolver às ruas “[...] o seu papel social, como lugar público do encontro, do passeio e da brincadeira, que já tiveram e que devem voltar a ter.” (TONUCCI, 2019, p.153). Assim, quando frequentadas pelas crianças, idosos e demais cidadãos, as ruas, além de mais seguras, voltarão a ser limpas, bonitas e convidativas.

O envolvimento da criança nas decisões sobre questões relacionadas a elas e a cidade requer reconhecer a criança como cidadã, sujeito com direitos, voz, visibilidade. Isso implica na participação das crianças, possibilitando que expressem suas opiniões, necessidades, desejos, tenham poder de decisão, posicionamento que tem relação com os direitos da criança.

Convém então salientar que a Convenção Internacional dos Direitos das Crianças, em seu Artigo 12, traz o direito das crianças de expressar suas opiniões sobre todos os assuntos relacionados a ela:

> Art. 12: Os Estados Partes devem assegurar à criança que é capaz de formular seus próprios pontos de vista o direito de expressar suas opiniões livremente sobre todos os assuntos relacionados a ela, e tais opiniões devem ser consideradas, em função da idade e da maturidade da criança. (ONU,1989)

E a Constituição Federal de 1988 garante a proteção integral e o reconhecimento das crianças e adolescentes como sujeitos de direito, o que está expresso no Artigo 227:

---

[4] Para uma melhor compreensão das motivações, propostas e experiências do projeto: site www.lacittadeibambini.org

> Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL,1988)

Ainda, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069/90, afirma no Artigo 4º, que além dos direitos à vida, à saúde, à alimentação e a educação, a criança tem direito ao lazer, à convivência familiar e comunitária:

> Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL,1990)

Também a Lei da Primeira Infância, Lei nº 13.257/2016, traz em sua redação o direito de participação das crianças na formulação das políticas públicas e ações que lhes dizem respeito:

> Parágrafo único. A participação da criança na formulação das políticas e das ações que lhe dizem respeito tem o objetivo de promover sua inclusão social como cidadã e dar-se-á de acordo com a especificidade de sua idade, devendo ser realizada por profissionais qualificados em processos de escuta adequados às diferentes formas de expressão infantil. (BRASIL, 2016)

Com base nos documentos legais listados acima, e lembrando com Tonucci que os direitos não foram escritos pelas crianças, não foram elas que decidiram, e sim os adultos, o autor nos convida a refletir: “E agora, quem tem coragem de dizer isso às crianças? De explicar-lhes que elas têm a possibilidade de nos obrigar a tão profundas e traumáticas mudanças?” (TONUCCI, 2005, p.153). E segue em suas provocações: “Mas temos condições de respeitar as crianças? Temos coragem de realizar o que decidimos? Quem assume a responsabilidade de explicar às crianças o grande poder que voluntariamente e conscientemente colocamos nas mãos delas?” (TONUCCI, 2005, p.156).

Sobre essa questão, Gobbi *et al.* (2021) faz um alerta, chamando atenção para com relação à garantia dos mesmos, advertindo que “[...] ratificar os direitos não significa a criação e a efetivação de políticas públicas para realização na prática cotidiana vivida pelas crianças” (GOBBI; ANJOS; LEITE, 2021, p.17). Pergunta-se,

afinal, o que é preciso para que as crianças tenham seus direitos respeitados, adequados às necessidades e que funcionem na prática?

Em entrevista à Revista Pátio – Educação Infantil, Vital DiDonet (2014) diz que a primeira atitude do adulto é ter a concepção de que as crianças são cidadãs, que elas têm o direito aos espaços públicos da cidade. A segunda atitude é reconhecer que as crianças são capazes e a terceira refere-se à disposição de ouvir as crianças.

Dessa forma, os diálogos teóricos tecidos neste capítulo – com foco no posicionamento de ouvir as crianças e considerar suas contribuições para as mudanças na cidade – são fundamentais para a realização deste trabalho. Essa perspectiva também orientou a construção da metodologia desta pesquisa, que será explicada no próximo capítulo.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresenta-se a contextualização do município pesquisado em que foi realizado o estudo de caso, bem como as escolhas metodológicas da pesquisa, incluindo o método, os procedimentos, as estratégias e os instrumentos que foram usados na geração dos dados.

4.1 ESTUDO DE CASO: O CONTEXTO DE OSÓRIO

As crianças encontram e constroem fissuras onde podem aparecer e viver a vida de tantas formas.
(GOBBI et al., 2021, p.14)

As crianças estão lá: nas ruas, nas praças, nas casas, nas escolas, em todo lugar, estão no mundo. Sendo assim, esta pesquisa que tem como objetivo investigar a relação das crianças com as cidades poderia ser feita em qualquer lugar. Mas por que realizá-la no município de Osório/RS?

Chamada de “A Cidade dos Bons Ventos”, devido aos ventos fortes desta região, o que possibilitou a implantação de Parques de Energia Eólica, Osório é uma cidade “compacta” localizada no litoral norte do Rio Grande do Sul, com uma população estimada de um pouco mais de 46.800 habitantes, e área territorial de 663,878 km². Cerca de 92,70% dos habitantes residem na área urbana de Osório, e 71.6% de domicílios tem esgotamento sanitário adequado, 66.6% de domicílios urbanos com vias públicas e arborização, 17% de domicílios urbanos com vias públicas e urbanização adequada, ou seja, têm bueiros, calçadas, pavimentação e meio-fio (IBGE, 2021). É interessante mencionar que a cidade é cercada por importantes rodovias, que ligam o litoral ao centro e a capital, bem como ao Sul do estado e Norte do País, além disso, é também cercada por lagoas, são 23 lagoas e muitas delas interligadas (OSÓRIO, 2022).

Imagem 2 - Cidade de Osório/RS

Fonte: Osório/RS (2022)

O município tem escolas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, num total de 64 Escolas da Rede Pública e Privada, com 9.912 crianças e adolescentes matriculados (IBGE,2020).

Nesse ano de 2022, Osório está realizando a revisão do seu Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal, com a novidade de ouvir as crianças sobre o que pensam sobre a cidade, suas perspectivas e ideias.

Assim a escolha de investigar a experiência da cidade de Osório/RS, justifica-se pela possibilidade de conhecer o que pode ser uma das “fissuras” mencionadas na epígrafe dessa seção (GOBBI *et al*., 2021), em que as crianças estão sendo ouvidas. Esse posicionamento de ouvir e dar visibilidade às crianças aponta “[...] para uma concepção de criança capaz, que faz, pensa, conhece, atua, explora e modifica o que está à sua volta ” (MAFRA, 2015, p.118), o que vai ao encontro dos estudos abordados neste trabalho.

Imagem 3 - Revisão do Plano Diretor

Fonte: Facebook Alencar Massulo de Oliveira (2022)

Dessa forma, com o objetivo de investigar a relação das crianças com a cidade de Osório/RS, optou-se em fazer um Estudo de Caso acerca da experiência do município, com foco na revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal, compreendendo o processo de participação das crianças. Conforme Yin (2001), esse método estuda um fenômeno (o caso) em seu contexto real.

Em uma perspectiva de pesquisa qualitativa e baseada na observação participante, este estudo de caso utiliza – se de várias fontes e modalidades de registros para a construção dos dados para análise. Essa escolha justifica-se uma vez que o ambiente de pesquisa é complexo, por tratar-se de uma experiência em andamento no município de Osório, e por seus participantes serem diversificados, ou seja, as crianças e os profissionais envolvidos (YIN, 2016).

4.2 PROCEDIMENTOS E ESTRATÉGIAS PARA CONSTRUÇÃO DOS DADOS

Para a construção de dados, foram seguidos os três princípios do estudo de caso: princípio 1 – utilizar várias fontes de evidência; princípio 2 - Criar um banco de dados para o estudo de caso; princípio 3 – manter o encadeamento de evidências, ou seja, deve-se revelar as evidências e indicar as circunstâncias sob as quais foram coletadas (YIN, 2001).

Tendo em vista o objetivo deste estudo, inicialmente, foi realizado o estado do conhecimento, com produções acadêmicas sobre “Crianças e Cidade”. Em seguida, aprofundou-se o conhecimento acerca do tema desta investigação buscando conhecimentos nas áreas da Arquitetura e Urbanismo, da Sociologia da Infância, da Geografia da Infância e da Educação, assim como a leitura dos documentos legais. Conforme representado abaixo:

Quadro 2 – Síntese do percurso da pesquisa

Criança e cidade: quais relações?				
Área	**Arquitetura e Urbanismo**	**Geografia da Infância**	**Sociologia da Infância**	**Pedagogia/Educação**
Produções acadêmicas	Lansky (2012); Araújo (2018).	Campos (2019); Araújo (2016).	Lazzarotto *et al*. (2016); Muller; Nunes (2014); Nascimento (2018).	Andreetto (2014); Marques (2021); Pérez *et al.* (2019).
Estudiosos	Voguel (1985); Jacobs (2019); Lynch (2019); Lima (2013).	Lopes; Vasconcelos (2005;206)	Sarmento (2018)	Tonucci (2005;2019;2020); Gobbi *et al.* (2021)
Documentos Legais	Constituição Federal (BRASIL,1988); Convenção Internacional dos Direitos das Crianças (ONU,1989); Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069/90 (BRASIL,1990); Lei da Primeira Infância, Lei nº 13.257/2016 (BRASIL,2016);			

Fonte: Autora (2022)

Ao tomar-se ciência da experiência de Osório na revisão do Plano Diretor da Cidade[5] e seu movimento de escuta das crianças, realizou-se o acompanhamento das notícias e informações veiculadas em documentos, redes sociais da prefeitura e do

[5] Link: https://jplitoral.com.br/revisao-do-plano-diretor-de-osorio-ouvira-sugestoes-das-criancas/

Plano Diretor. Também assistiu-se ao evento Seminário[6] “Sair para brincar - como planejar uma cidade com as crianças?”, que contou com a participação do prefeito Roger Caput e o arquiteto Alencar Massulo de Oliveira, apresentando a experiência da cidade de Osório/RS. As imagens abaixo trazem um registro dessa participação.

Imagem 4 – Evento: Sair brincar - como planejar uma cidade com crianças?

Fonte: Site Prefeitura de Jundiaí (2022)

[6] Link: https://www.youtube.com/watch?v=dtqQ7eWClpQ

Imagem 5 - Participação de Osório

Fonte: Captura tela “Sair para brincar – como planejar uma cidade com crianças?” (2022)

Na continuidade da pesquisa, estabeleceu-se contato com o coordenador do Projeto de Escuta das Crianças de Osório/RS, o arquiteto Alencar Massulo de Oliveira, inicialmente pelas redes sociais, *Facebook* e *Instagram* e, posteriormente, por *WhatsApp*, quando então foi feito o convite para participação de um encontro pelo *Google Meet,* marcado com a intenção de elucidar algumas dúvidas em uma conversa/ entrevista. Optou-se por essa modalidade, uma vez que “As entrevistas são modalidades diferentes e ricas na obtenção dos relatos das pessoas sobre determinado tema ou fenômeno” (MAIA, 2020, p.29).

Para tanto, a conversa/entrevista foi apoiada em uma série de perguntas norteadoras relativamente abertas, semiestruturadas (APÊNDICE A), caracterizadas por ser um “[...] roteiro de questões ou tópicos, flexibilidade na formulação, depende da dinâmica da entrevista” (MAIA, 2020, p.19). Essas perguntas norteadoras foram introduzidas durante a dinâmica da conversa, as quais foram respondidas pelo arquiteto. Na ocasião, também foi apresentado pela pesquisadora uma breve síntese dos interesses de pesquisa e do plano inicial de pesquisa (APÊNDICE B).

Na entrevista, o arquiteto mencionou que durante o processo de revisão do Plano Diretor da Cidade de Osório, integrantes do Órgão Técnico do Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal da cidade de Osório/RS, se propuseram a ouvir as crianças. Portanto, estavam sendo planejadas 17 oficinas com as crianças, nas 13 Escolas Municipais de Ensino Fundamental, com grupos de mais ou menos 20

crianças do 1º ao 9º ano, a serem realizadas nos meses de abril e maio. Esse cronograma encontra-se em anexo (ANEXO A).

A partir do conhecimento de que seriam realizadas essas oficinas com as crianças, mudou-se o planejamento metodológico da pesquisa, que inicialmente previa oficinas em uma turma de Educação Infantil na Abordagem do Mosaico (CLARK; MOSS,2011 apud SOUZA; D"ANDREA,2015). De modo a aproximar-se do percurso realizado pelo município, optou-se por acompanhar o trabalho em andamento, que previa a realização das dinâmicas com a participação das crianças visando contemplar as informações geradas a partir das opiniões delas. Essa ação faz parte da etapa de diagnóstico da cidade – momento importante da revisão do Plano Diretor – que é a base para as propostas de atualização da lei. Conforme o arquiteto, "Estamos tentando que com o Plano Diretor aqui em Osório, a gente possa institucionalizar a participação das crianças" (ENTREVISTA COM ARQUITETO, 2022).

Dessa forma, a conversa/entrevista realizada pelo Google Meet foi definidora para os rumos metodológicos da pesquisa, além de ter contribuído com informações necessárias para a investigação. Na sequência da pesquisa, a escolha foi por continuar o trabalho de campo por meio da observação participante nas oficinas, com a intenção de acompanhar e documentar a participação das crianças, aproximando-se da escuta do que pensam sobre a cidade de Osório. Para tanto, obteve-se autorização do arquiteto responsável pelo projeto para acompanhamento das oficinas, bem como foram assinados os termos de consentimento de sua participação e uso de imagem (APÊNDICE C). Desse modo, foram observadas duas oficinas realizadas em duas Escolas Municipais de Ensino Fundamental, nos meses de abril e maio de 2022.

A intenção de ouvir as crianças sobre o que pensam e como veem a cidade, qual o trajeto de casa até a escola, onde brincam e quais espaços frequentam, compreende um movimento que, segundo Kramer (2002, p.42), acontece porque "[...] trabalhamos com um referencial teórico que concebe a infância como categoria social e entende as crianças como cidadãos, sujeitos da história, pessoas que produzem cultura, a ideia central é a de que as crianças são autoras [...]".

Com relação a pesquisar com crianças, Mafra (2015), ressalta a importância de "[...] não somente ouvir as crianças, mas também acolher as críticas que fazem e considerar suas observações como relevantes, pertinentes e fundamentais para a pesquisa" (MAFRA, 2015, p.112).

Assim, para documentar a participação das crianças nas oficinas, os instrumentos de registro foram o diário de campo, que possibilitou registrar o que “[...] chamou a atenção durante as observações” (WINKIN, 1998, p.138), assim como os registros fotográficos. Também foi considerada a produção de desenhos das crianças realizada durante as oficinas.

Na sequência, apresenta-se como foi a observação participante nas oficinas.

4.2.1 Observação participante nas oficinas com as crianças

Imagem 6 – Oficina com as crianças

Fonte: Instagram planodiretorosorio (2022)

A opção pela observação participante nas oficinas com crianças, parte da etapa de diagnóstico da cidade, aconteceu devido à possibilidade de compreender os modos como as crianças se apropriam do lugar onde vivem e suas formas de pensar e ver a cidade, ou seja, entender a relação das crianças com a cidade de Osório/RS. As oficinas foram organizadas pela equipe do Órgão Técnico do Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal de Osório/RS.

Após as tratativas com os organizadores das oficinas, como consentimentos, datas possíveis, locais e horários, ficou combinado que as observações participantes

ocorreriam em dois momentos: em abril, no período da tarde na Escola Municipal de Ensino Fundamental 1; em maio, também no período da tarde, na Escola Municipal de Ensino Fundamental 2. Conforme quadro abaixo:

Quadro 3 – Oficinas com crianças em que realizou-se a observação participante

OFICINA/GRUPO	MÊS	LOCAL	PARTICIPANTES
Oficina - Grupo 1	Abril de 2022	EMEF 1	Equipe Técnica (4 integrantes); Grupo com 16 crianças entre 7 e 9 anos de idade.
Oficina - Grupo 2	Maio de 2022	EMEF 2	Equipe Técnica (2 integrantes); Grupo com 20 crianças entre 6 e 10 anos de idade; Professora e bibliotecária.

Fonte: Autora (2022)

Os grupos de crianças observados foram identificados conforme ordem em que foi realizada a oficina e escola. Assim, o grupo observado na oficina realizada no mês de abril na Escola 1 foi chamado de Grupo 1, por sua vez o grupo observado na oficina realizada no mês de maio na Escola 2 foi chamado de Grupo 2. As crianças foram identificadas como Menina ou Menino, seguido de letras em ordem alfabética conforme dinâmica da conversa (A, B, C e assim por diante) e números conforme o Grupo observado (1 ou 2), da seguinte forma:

Menino A1: (Menino A - Grupo1)

Menina A2: (Menina A – Grupo 2)

No primeiro dia de observação, a chegada na EMEF 1 ocorreu no horário marcado, aguardando-se no saguão. Não demorou muito, percebeu-se uma movimentação nas escadas com ruídos de conversas, cochichos e risadas: “Quando a professora surgiu à frente de um grupo de crianças, elas interromperam o que estavam fazendo, silenciaram os burburinhos e os olhares curiosos se voltaram para nós”. (DIÁRIO DE CAMPO, ABRIL/2022).

No segundo dia, acompanhando o grupo de crianças da EMEF 2, durante as oficinas, não foi muito diferente no que se refere a curiosidade das crianças:

> Fomos recebidos no portão da Escola pela coordenadora que nos levou até a biblioteca. Chegando no espaço reservado para a oficina, começamos a organizar as mesas e as cadeiras para acomodar as crianças. Quando percebemos tinha um grupo de crianças na porta tentando espiar o que estava acontecendo dentro da sala. (DIÁRIO DE CAMPO, MAIO/2022).

A vista disso, a primeira percepção das observações participantes foi a curiosidade das crianças dos dois grupos, com a presença de pessoas estranhas a elas e ao espaço escolar, o que demonstra a necessidade que elas têm de compreender a realidade a sua volta. Observou-se também que as expectativas das crianças acerca do que estava acontecendo ou iria acontecer durante as oficinas foram diferentes de um grupo para outro. O primeiro grupo estava entusiasmado com a participação, já o segundo parecia um pouco apreensivo.

Quando explicado o motivo da oficina – ouvir as crianças – e que suas sugestões ajudariam a planejar uma cidade melhor, as crianças do Grupo 1 entenderam o propósito e, prontamente, aceitaram participar.

Já no Grupo 2, as crianças estavam mais quietas, poucas responderam às perguntas, talvez pela presença da professora que, por vezes, pediu para ficarem em silêncio. Nesse grupo, quando foi proposto desenharem e/ou escreverem refletindo sobre as perguntas, poucos entenderam o que era para fazer. E os que entenderam, informaram que não sabiam como desenhar ou escrever “certo”. Desenhavam e apagavam ou não iniciavam seus desenhos, ficavam olhando para a folha, como se estivessem pensando em uma resposta para uma pergunta muito difícil. Quando perguntados em que estavam pensando para ajudar a mudar a cidade, as poucas respostas foram:

> **Menina A2:** Eu não sei desenhar. (Menina A – Grupo 2 - 8 anos)
> **Menina B2:** Os meus desenhos são feios. (Menina B – Grupo 2 -7 anos)
> (DIÁRIO DE CAMPO, MAIO/2022)

Percebe-se pelas respostas das crianças do grupo 2 que estavam preocupadas em corresponder a uma suposta expectativa do adulto e ter sua aprovação. As crianças, muitas vezes, acabam respondendo o que o adulto quer escutar, mas que nem sempre corresponde ao que realmente pensam. Como lembra Tonucci, “É o adulto quem propõe ao aluno uma parte desse mundo complexo, de tal forma que a atividade solicitada produz com confiança e no prazo as aprovações desejadas” (2020, p. 242).

Nas duas oportunidades de observação, após distribuídas as folhas para que desenhassem ou/e escrevessem suas sugestões sobre a cidade, busquei uma aproximação com a intenção de interagir com as crianças. É importante destacar que as falas não obedeceram a um roteiro estabelecido, uma vez que o intuito era estabelecer uma conversa informal e observar as crianças diante das experiências vivenciadas durante as oficinas. Quando as crianças se sentiram confortáveis, desenharam e/ou escreveram e narraram suas ideias e sugestões sobre a cidade, que compõem o conjunto de dados desta pesquisa. Assim como expressaram a importância desse movimento de escuta, que compõe o conjunto de dados desta pesquisa. Como podemos observar no diálogo abaixo:

> **Pesquisadora:** E como vocês acham que podemos ajudar a melhorar nossa cidade?
> **Menina E1**: Vocês deveriam perguntar as coisas para as crianças, nós temos ideias brilhantes![7]
> (Menina E - Grupo1- 9 anos) (DIÁRIO DE CAMPO, ABRIL/2022)

Assim, tendo em vista o objetivo deste estudo de investigar a relação das crianças com a cidade de Osório/RS, realizou-se a análise com a triangulação dos dados gerados nas oficinas com as crianças, na entrevista com o arquiteto e informações veiculadas nas mídias da prefeitura e Plano Diretor de Osório, considerando os estudos teóricos que embasam a pesquisa. O exercício de agrupar os relatos e documentações buscando relações entre as partes – organizados por meio de análise de conteúdo (MAIA, 2020), possibilitou a organização de dois eixos de análise que são apresentados no capítulo seguinte.

[7] Fala da menina E do grupo 1, que inspirou o título deste trabalho.

5 ANÁLISES

Este capítulo apresenta a análise dos dados gerados na pesquisa sobre as crianças e a cidade de Osório/RS. Na interpretação dos dados buscou-se o sentindo dos registros e dos relatos, evidenciando a sua compreensão, relacionando com os estudos teóricos para assim alcançar os objetivos desta pesquisa. (MAIA, 2020). Para tanto, as interpretações dos dados estão dispostas em duas seções. A primeira seção apresenta o primeiro eixo de análise com a interpretação dos dados obtidos nas diferentes fontes sobre a experiência de escuta das crianças da cidade de Osório/RS. E a segunda seção, traz o segundo eixo de análise com a interpretação dos dados gerados nas oficinas com a participação das crianças, no que se refere as suas perspectivas e ideias sobre a cidade.

5.1 PLANEJANDO A CIDADE DE OSÓRIO COM AS CRIANÇAS: INICIATIVAS/AÇÕES NA REVISÃO DO PLANO DIRETOR

Neste primeiro eixo de análise, buscou-se compreender a relação das crianças com a cidade de Osório na fase de diagnóstico da cidade da revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal, em que as crianças estão sendo ouvidas e dando sugestões de projetos urbanísticos. Para tanto, os estudos realizados neste trabalho contribuíram para compreensão e análise das informações construídas durante a investigação.

Sendo assim, compartilha-se aqui as interpretações reflexivas dos dados gerados centrando-se nas ações/iniciativas já realizadas ou em andamento, refletindo sobre como foram desenvolvidas e o propósito dessas experiências. Abaixo um quadro com esse mapeamento:

Quadro 4 - Mapeamento das propostas - realizadas, em andamento e previstas

	Proposta realizada	**Proposta em andamento**	**Proposta a ser realizada**
Ações/Iniciativas	Projeto Piloto Nova Escola Panni	Projeto de escuta das crianças durante a revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal	Projeto acesso seguro
Propósito	Experienciar o movimento de escuta das crianças	Ouvir as opiniões e sugestões das crianças sobre a cidade	Evitar congestionamento e incentivar as crianças e os pais a irem a pé para escola
Como foi/será colocada em prática	Durante a reforma da Escola Panni as crianças foram consultadas e desenharam suas sugestões de mudanças na Escola.	Organização de oficinas nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental	Será usado urbanismo tático como estratégia de um novo desenho urbanos próximo as escolas

Fonte: Autora (2022)

O primeiro movimento da cidade de Osório, no que diz respeito à escuta das crianças, foi o Projeto Piloto Nova Escola Panni, no qual as crianças da Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Francisco Panni, localizada no bairro Laranjeiras, desenharam ou/e escreveram “Aquilo que imaginavam ser uma escola ideal”. Esse projeto foi pensado como uma tentativa de experienciar a proposta de escutar as crianças, para subsidiar as oficinas que fariam parte da etapa diagnóstica do Plano Diretor da cidade.

A ideia de ouvir as crianças surgiu a partir do conhecimento do Projeto “Cidade das Crianças”, idealizado pelo educador italiano Francesco Tonucci. Assim, segundo arquiteto entrevistado (2022), iniciou o desejo de Osório em participar da rede de “Cidade das Crianças”. Cabe aqui salientar que, atualmente, a rede das “Cidades das Crianças” é composta por 200 cidades em 15 países da Europa e América Latina (JUNDIAÍ, 2022).

Identificou-se nesta primeira experiência, que os adultos se propuseram a ouvir e considerar o que as crianças dizem e, ao atribuir a elas o papel de “protagonistas”, permitiram expressarem suas vontades e necessidades quanto à cidade. Aspecto que é de grande relevância, pois afirma Tonucci (2019, p.88), “Ninguém pode representar as crianças sem ter a preocupação de as consultar, mobilizar e ouvir”.

Outra questão percebida no projeto piloto, é que foram evidenciados alguns anseios e necessidades das crianças com relação ao espaço da escola durante o planejamento de reforma. De acordo com o arquiteto entrevistado, “De antemão o que

se pode perceber desse material que recebemos é uma ênfase, uma valorização muito grande por parte das crianças do espaço aberto, da rua, da árvore, do espaço para brincar, do espaço para conviver [...]" (ENTREVISTA COM ARQUITETO, 2022). As crianças manifestam necessidade de espaços para brincar e para conviver como as calçadas e as ruas, afinal, atualmente as crianças são transportadas de um lugar para outro, como afirma Sarmento, circulando entre "ilhas urbanas" num "[...] testemunho vivo da fragmentação das cidades modernas" (2018, p.234).

Assim, apesar de ser um projeto experimental, o Projeto Nova Escola Panni já revelou as opiniões das crianças sobre o que precisam no espaço escolar e na cidade. Diante dessa percepção, cabe aqui ressaltar que é preciso dar às crianças a oportunidade de se expressarem e para isso é preciso que os adultos saibam ouvir e compreender o que as crianças falam, não só escutar o que dizem, ou seja "Isso não significa apenas ouvi-las, mas procurar compreender, dar valor às palavras, as intenções verdadeiras de quem fala" (TONUCCI, 2005, p.18).

Ainda sobre o projeto piloto, cabe ressaltar que ele resultou em um segundo projeto, intitulado "Projeto de Resgate Histórico", também desenvolvido na Escola Panni e que nasceu a partir das conversas com a comunidade escolar. Nesse projeto, o resgate das memórias de quem vive e faz a escola remete à identidade da comunidade ligada ao lugar, afinal como dizem Lopes e Vasconcelos (2006, p.121) "[...] ao longo de sua história, os grupos sociais fixam em determinados espaços e os organizam, dando-lhes forma e também são formados por eles [...]". O resgate histórico retrata o lugar dessas crianças e famílias na escola, o entorno, o bairro, a rua, onde elas vivem e estabelecem suas relações, ou seja, esse é o lugar dessas crianças e essas crianças são desse lugar.

Essas ações foram significativas para o próximo passo realizado em Osório, o "Projeto de escuta das crianças na revisão do Plano Diretor", em andamento no momento de escrita desse relatório de pesquisa. O referido projeto foi organizado para além da participação da população em geral, como habitualmente costumou ser, pois está contemplando as sugestões das crianças sobre a cidade. Para tanto, a equipe do Órgão Técnico se mobilizou para visitar 13 Escola Municipais de Ensino Fundamental. Essas visitas aconteceram em forma de oficinas, sendo 17 no total, nas quais foi proposto às crianças escreverem ou/e desenharem reflexões sobre as questões: "O que mais gostam em Osório? O que não gostam? O que mudariam? O que gostariam que tivesse na cidade?" (DIÁRIO DE CAMPO, 2022). Essas questões

foram inspiradas no material de outras cidades da rede Internacional de Cidades das Crianças, que está ajudando na implantação de programas e organização das dinâmicas. Por exemplo, os municípios de Valongo e Torres Vedras, localizados em Portugal, que contribuíram “[...] mandando o material didático, os encartes que eles trabalharam, as perguntas que eles fizeram [com as crianças], mandaram qual foi a dinâmica que eles utilizaram”, conforme entrevista (ENTREVISTA COM ARQUITETO, 2022).

Nesse movimento de escuta, acolhendo as percepções e sugestões das crianças, entende-se que, considerando as necessidades das crianças, todos os cidadãos da cidade, estarão representados. Significa assegurar planejar a cidade garantindo a diversidade, o que “[..] pode se tornar o paradigma para uma nova filosofia de governo da cidade” (TONUCCI, 2020, p. 247).

Nessa direção, outra questão para reflexão é a convivência das crianças nos espaços urbanos, uma vez que a cidade é um espaço de interações sociais múltiplas. O que determina a possibilidade de interação, reconhecimento e participação das crianças é, segundo Sarmento (2018), a “abertura” da cidade à participação de todos. Esse pressuposto implica “[...] o redesenho urbanístico das ruas e das praças, a criação de zonas livres de automóveis e a contínua abertura para a negociação da vida em comum na cidade” (SARMENTO, 2018, p.238).

Também sobre envolver as crianças nos espaços urbanos, vale refletir que soluções devem ser pensadas, apesar das restrições impostas por diversos fatores como o trânsito. Fator este que preocupa a cidade de Osório, uma vez que teve um aumento de veículos de 71%, nos últimos 10 anos, e o espaço que esses veículos ocupam na cidade, perfaz 65% da via pública (ENTREVISTA COM ARQUITETO, 2022). A frota em 2020 era de 34.854, para uma população estimada de um pouco mais de 46.800 habitantes (IBGE, 2020).

Pensando nesse problema que limita a mobilidade dos moradores de Osório, principalmente as crianças, a iniciativa da prefeitura foi o projeto que está em fase inicial, “Projeto ‘acesso’ Seguro”, que vai utilizar urbanismo tático como estratégia de novo desenho urbano, com mais calçadas e menos travessias, próximo ao acesso às escolas” (ENTREVISTA COM ARQUITETO, 2022). Segundo o entrevistado, a ideia com esse projeto é evitar congestionamentos em horários de entrada e saída das escolas e incentivar os pais e as crianças a irem a pé para a escola.

Essa iniciativa de recuperação das ruas e calçadas, como um espaço de uso coletivo, que representa seus habitantes, está evidenciada nos estudos de Voguel que afirma que “Uma rua é um universo de múltiplos eventos e relações” (VOGUEL, 1985, p.24). Iniciativas como essa são relevantes para que crianças e famílias habitem mais as ruas e demais espaços públicos da cidade.

Outra questão importante no “Projeto ‘acesso’ Seguro”, em desenvolvimento em Osório, refere-se à mudança de parâmetro do homem adulto-trabalhador pela criança, com o intuito de “baixar o ponto de vista” do adulto até a “altura das crianças” para que não se perca ninguém. Ou seja, a defesa é por uma cidade que é boa para as crianças e boa para todos, pois “Trata-se de aceitar a diversidade que a criança traz consigo como garantia de todas as diversidades” (TONUCCI, 2019, p.61).

Ainda com relação a esse ponto, na perspectiva de “aprender na prática social”, Lansky (2012) acrescenta que a aprendizagem é “[...] compreendida como processo coletivo – a participação, a presença e a utilização de espaços públicos poderiam ser consideradas contextos privilegiados de aprendizagem da cidadania” (2012, p26). Então, faz-se preciso investir nos espaços da cidade como ruas, calçadas e praças.

Com base nas reflexões aqui apresentadas, percebe-se que Osório está dando os primeiros passos e vai avançando na direção de pensar uma cidade amiga das crianças e boa para todos. Apesar das análises apontarem ações/ iniciativas potenciais, com a participação das crianças, ainda é preciso percorrer um longo caminho. Para isso, cabe mencionar outras propostas importantes que estão sendo tomadas para a implantação do projeto de escuta das crianças, como a parceria com a Universidade de Aveiro, em Portugal, onde algumas cidades já têm planos diretores considerando a opinião das crianças. Também negociações de parcerias com outras instituições acadêmicas estão em andamento. Outro passo decisivo é a proposta de inclusão de um conselho infantil no Plano Diretor da cidade, sendo principal propósito desse movimento de escuta das crianças (ENTREVISTA COM ARQUITETO,2022).

No momento de escrita deste trabalho, o Órgão Técnico e o Conselho do Plano Diretor estão reunindo as demandas com relação à **gestão permanente** do planejamento (OSÓRIO, 2022, grifo nosso). Assim se faz necessário definir com clareza os objetivos e as diretrizes das políticas públicas que pensem a relação das crianças com a cidade para serem uma constante na cidade, nesse sentido um conselho infantil seria uma maneira de garantir o direito às crianças de participarem das decisões de mudanças da cidade.

Enfim, os movimentos de ouvir, considerar, perceber, observar, estão relacionados à escuta do adulto. Este posicionamento faz parte do reconhecimento da criança capaz de participar das decisões, ou seja, reconhecendo o direito que está previsto no Artigo 12 da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças, que diz que a criança tem o direito de expressar suas opiniões sobre todos os assuntos relacionados a ela (ONU,1989)

Desse modo, a reflexão acerca da experiência do município de Osório com relação à participação das crianças na cidade, partindo da análise fundamentada em diálogo com as áreas de Arquitetura e Urbanismo, Sociologia da Infância, Geografia da Infância e Educação, apresentada nessa seção, constituiu um dos eixos de análise dos dados obtidos nessa pesquisa. Na próxima seção é apresentada a análise dos dados obtidos a partir da observação participante durante as oficinas com a participação as crianças.

5.2 COM A PALAVRA, AS CRIANÇAS: IDEIAS, DESENHOS E NARRATIVAS SOBRE A CIDADE

Dando continuidade à análise da pesquisa, a partir dos dados gerados nas oficinas e evidenciando o objetivo de acompanhar e documentar a participação das crianças, buscou-se refletir sobre as ideias que elas compartilharam em suas produções de desenhos e narrativas.

Desde o primeiro encontro, acompanhando e documentando a participação do Grupo 1, percebeu-se que as crianças foram espontâneas em suas narrativas e indicavam muitas sugestões, como podemos observar nas falas dos Meninos B1 e D1:

> **Pesquisadora**: E aí? Qual a ideia de mudança para cidade de Osório?
> **Menino B1:** Eu estou fazendo um parque aquático e meu amigo também. Será que dá para fazer dois parques um do lado do outro? (Menino B, Grupo 1, 9 anos)
> **Menino D1**: Não precisa dois pode ser um só: Parque Aquático dos melhores amigos D e B. Já pensou? Quando fizerem um parque aquático vou dizer para todo mundo que a ideia foi minha e do meu amigo. (Menino D, Grupo 1, 9 anos) (DIÁRIO DE CAMPO, ABRIL/2022)

Essas narrativas das crianças indicam sua capacidade em interpretar o mundo a sua volta e de expressarem sua opinião sobre ele. Em suas falas é possível perceber o modo criativo com que ─ ao identificarem a falta de um parque (ou espaços com água para brincarem) na cidade ─ formulam sugestões interessantes. O mesmo ocorreu quando foram perguntadas sobre: “O que mais gostam em Osório? O que não gostam? O que mudariam? O que gostariam que tivesse na cidade? ”. De imediato, saíram dando suas opiniões:

> **Menino A1:** Eu gosto da praça das carretas. Mas por que tiraram o escorregador? Tu és da prefeitura, né? Diz lá que tem que botar de volta. (Menino A - Grupo1 - 8 anos) (DIÁRIO DE CAMPO, ABRIL/2022)

Nesse excerto, verificasse o quanto as crianças “são inteligentes, sabem fazer sentido e querem uma vida confortável” (WALSH, 2003, p. 77). Além disso, mais do que inteligentemente identificar a retirada do escorregador e de quem pode colocá-lo novamente, o menino elabora uma reinvenção direta. Isso aponta para a importância da construção desses espaços de escuta das crianças, a qual Osório vem realizando, e o quanto é fundamental a abertura e acolhimento do adulto para que essas iniciativas sejam efetivadas. Esse é um exemplo de que pequenas ações, como acolher a reivindicação do menino, podem contribuir para a manutenção dos parques da cidade. Parques com bons brinquedos, arborizados, com luminosidade, pode ser uma importante estratégia para trazer as crianças à rua. Por efeito, se as crianças estivem habitando as ruas elas se tornam mais seguras, posto que os olhares dos adultos se direcionaram a elas (TONUCCI, 2020).

Já no encontro com as crianças do Grupo 2, elas queriam falar sobre outros assuntos, se aproximavam para contar experiências vividas em suas famílias. Muitos tinham irmãos mais novos, então o assunto foi sobre o que eles estão aprendendo. As crianças queriam compartilhar suas vivências, então busquei oferecer um espaço para escuta com o grupo em que estava próximo, simplesmente acolher e não ignorar as novidades que estão experenciando.

Na tentativa de mudar o foco da nossa conversa, após ouvir o que as crianças falavam sobre os diversos assuntos, perguntei se podia fotografar os desenhos. Percebendo a minha disposição em ouvi-las, começaram a fazer as perguntas, expondo assim o que parecia incomodá-las: “Prof. Está certo? O que é para fazer aqui? Como se escreve? Pode ser assim? ” (DIÁRIO DE CAMPO, MAIO/ 2022). Fui

respondendo um por um, assim sentiram-se mais seguros para falar sobre suas produções de escritas ou/e de desenhos. Sem fazer muitas perguntas, estabeleci um diálogo esperando que me mostrassem e me contassem suas ideias sobre a cidade, sem interferir nem corrigir.

Com base nas observações e nas escutas realizadas percebeu-se, nos dois grupos, que para as crianças o mundo e as coisas podem ter significados diferentes e através de seus desenhos podemos nos aproximar das lógicas infantis de interpretar o mundo. Então "[...] desenhar pode prover a existência, a descoberta e a invenção de mundos. Enseja modos e maneiras de ver, apropriar-se e elaborar coisas" (GOBBI, 2014, p.152).

Assim, essa seção de análise circulou entre mundos. Em um momento estava em uma "Praça com Macacos", depois em um "Parque Aquático dos Melhores Amigos", logo depois em uma "Pista de *Skate*" ou "Campeonato de *Handebol*" e ainda em uma praça com uma "Banda de Cavalos", de modo a apresentar algumas das ideias manifestadas pelas crianças nas oficinas.

Então para compreender os arranjos organizados e apresentados pelas crianças nos desenhos e nas suas narrativas foi importante primeiro "[...] ver, acalmar, observar, escrever, observar e observar para então entrar em contato com essa manifestação expressiva" (GOBBI, 2014, p.157). Em um segundo movimento, foi necessário buscar agrupar as ideias, opiniões e sugestões das crianças, em temas, ou seja, "[...] agrupar os relatos em tema (s) seguindo à teoria que sustenta o fenômeno estudado" (MAIA, 2020, p.37). Desta forma, os temas foram identificados por palavras, frases, intenções percebidas nas narrativas das crianças, ou melhor, agrupadas em "unidades de significado". Em outros termos, considerou-se que "Ao ler uma frase, o 'assunto', o 'tema' é aquilo que qualifica a fala do informante. É 'daquilo' que ele diz que 'marca' o significado da fala e, portanto, é o que nos interessa como resposta" (MAIA, 2020, p.37).

Assim, os dados gerados durante a observação das oficinas foram agrupados em subseções que correspondem a temas mapeados a partir de assuntos identificados nas falas das crianças. Assim chegou-se a 3 temas, que serão respectivamente abordados nas subseções que seguem:

5.2.1 Crianças e os lugares imaginários: inventando as próprias regras

Quando é permitida às crianças a liberdade de desenharem ou/e escreverem sobre como gostariam que a cidade fosse, sem as restrições e limitações da realidade, em circunstâncias em que aquilo que não existe pode ser imaginado e o que não é possível pode ser inventado, elas arriscam uma certa autonomia, e demonstram "[...] a capacidade de governar sobre as próprias leis, a capacidade de se entregar, de inventar novas regras" (TONUCCI, 2020, p. 241).

Durante as observações participantes nas oficinas, algumas crianças desenharam ou/e escreveram situações imaginárias, nessas realidades criadas por elas tudo é possível. Como, por exemplo, percebe-se na narrativa da Menina C2, descrevendo seu desenho:

> **Pesquisadora:** Quer me explicar o que está desenhando?
> **Menina C2:** É uma praça com grama, árvores e uma banda de cavalos. Eles tocam Rock. (Menina C, Grupo 2, 9 anos) (DIÁRIO DE CAMPO, MAIO/2022)

Nesse excerto, percebe-se que o modo como as crianças interagem e se apropriam das realidades que as cercam é particular. Há, em suas interpretações de mundo, uma potência criativa das crianças que se relaciona com o imaginário próprio da infância. Outro exemplo dessa lógica infantil pode ser observado na narrativa do desenho feita pelo Menino G1, que imaginou uma cidade cheia de *Brownies:*

> **Pesquisadora:** Me conta o que está desenhando?
> **Menino G1**: O que eu estou desenhando? Olha, eu vou te dizer o que vai tá? Chocolate, bolo de chocolate, calda de chocolate. O que é? Tu não sabes ainda o que é? A coisa mais gostosa de todas…. Pensa, o que é? Não sabe? É um *Brownie*! (Menino G, Grupo1, 7 anos)
> **Pesquisadora**: A tua sugestão então é que tenha uma loja de *Brownies* em Osório?
> **Menino G1**: Nãoooooooo…podia ter *Brownies* em todos os lugares! (Menino G, Grupo1, 7 anos) (DIÁRIO DE CAMPO, ABRIL/2022)

Ao desenhar, foi perceptível que as crianças criaram realidades a partir de suas regras. Ao encontro desses dados, Tonucci cita um exemplo que retrata a imaginação, e as metáforas usadas pelas crianças: "Eu era um príncipe medieval pode afirmar uma criança e a partir desse momento, se outros aceitarem a ficção, você se muda para outra era e respeita suas regras, suas condições" (TONUCCI, 2020, p. 241).

O modo como as crianças reconstroem a realidade de forma criativa, segundo Sarmento (2004), faz parte da construção de visão do mundo e do significado das coisas, ou seja, esse movimento de imaginar situações, pessoas, acontecimentos, está na base da constituição dos mundos da criança e "[...] este processo de imaginação do real é fundacional do modo de inteligibilidade" (SARMENTO, 2004, p.11).

Cabe ao adulto entender os significados que essas representações têm para as crianças, permitindo suas narrativas enquanto desenham. Staccioli exprime bem o sentimento que se espera dos adultos ao se depararem com as ideias fascinantes das crianças, ao afirmar que "As metáforas propõem formas surpreendentes, emoções, e não dão respostas. Mostram um fascínio que nos deixa muitas vezes de boca aberta e fazem vir à cabeça a seguinte pergunta**: mas como é possível que alguém tenha pensado dessa forma? "** (STACCIOLI,2011, p.34, grifo nosso). Logo, é preciso escutar as crianças e deixar-se surpreender com sua imaginação e metáforas que criam para significar o que pensam, sentem e desejam.

5.2.2 Crianças e os melhores lugares: do íntimo ao público, territórios possíveis entre o conhecido e o desconhecido

Existe uma estreita ligação entre a vivência da infância e o local onde ela é vivida, as relações da criança e os lugares do cotidiano possibilitam a estruturação de uma identidade individual e coletiva. Isto é, os referenciais do espaço físico tornam-se diferenciais de identificação entre as pessoas e seus grupos sociais, que pode ser compreendido conforme Lopes e Vasconcellos (2006, p.118) como "[...] constituição de espaços destinados a um determinado grupo social nos aproxima da dimensão de território, pois possibilita a construção de identidades culturais [...]"

A relação das crianças com o lugar pode ser constatada nas falas das crianças dos dois grupos observados nas oficinas, que remetem a espaços habitados por elas, com os quais criaram uma relação e memórias afetivas, conforme podemos perceber:

> **Menino C1:** Eu gosto da casa do meu primo. Fica lá em Capão de Areia, por que brincamos na rua, não passa muito carro. (Menino C, Grupo1, 8 anos)
> **Pesquisadora**: E aí? Está desenhando a casa do teu primo?

> **Menino C1:** Sim, a casa do meu primo é o melhor lugar do mundo. Aqui é nós brincando na rua. (Menino C, Grupo1, 8 anos)
> **Menino B1**: Eu combino com os meus amigos e vamos brincar na praça do centro. Aquela que tem uma igreja e um chafariz. Não tem brinquedos Brincamos de pega-pega. (Menino B, Grupo 1, 9 anos) (DIÁRIO DE CAMPO, ABRIL/2022).

A casa do primo do Menino C1, num bairro mais tranquilo e com poucos automóveis passando na rua, e a praça onde o Menino B1 encontra seus amigos, proporcionam mais liberdade. Para brincar, as crianças precisam de um lugar que cresça com suas habilidades e sua autonomia, ou seja, "Um espaço que possa acompanhar seu desenvolvimento, que saiba oferecer novas experiências, novas descobertas. As crianças precisam brincar na cidade [...]" (TONUCCI, 2020, p.252).

> **Pesquisadora:** Não quis fazer um desenho?
> **Menino H1:** Eu já fiz. Não está vendo? É que tem que pôr bem na luz. Está bem fraquinho. Conseguiu ver? Eu desenhei o lugar que eu mais gosto. A minha casa. (Menino Grupo 1, 9 anos)
> **Menina E2:** Fiz a minha casa que é o segundo lugar que eu mais gosto. Só gosto mais da escola. (Menina E, Grupo 2, 6 anos)
> **Menina D2:** O que eu mais gosto é brincar com as minhas amigas, elas moram perto da minha casa. Adoro andar a cavalo, meu pai tem cavalo, meu tio tem cavalo e uns amigos do meu pai também tem cavalo. Às vezes eu vou no parque. Eu gosto de qualquer parque. (Menina D, Grupo 2, 8 anos) (DIÁRIO DE CAMPO, ABRIL –MAIO/ 2022).

Destaca-se aqui a fala da Menina D2, que relata suas experiências da vida cotidiana familiar, dentre elas o que mais gosta: andar de cavalo e brincar com as amigas, vizinhas da sua casa, e de ir ao parque. Quando perguntada de qual parque que ela gosta de ir, ela responde qualquer um.

Como podemos observar nas falas das crianças, o Menino H1, a Menina E2 e a Menina D2, retrataram os lugares por onde circulam, da casa para escola. Quando os espaços são restritos, fora desses espaços tudo é um grande desconhecido, "Por consequência, a sua experiência, nesses casos, é bastante limitada a respeito da vida urbana e das suas possibilidades" (SARMENTO, 2018, p. 235).

Porém, na medida em que o espaço é compreendido como parte importante no processo de formação e tendo em vista os conceitos de lugar e territorialidade, reconhece-se que "[...] o espaço onde a criança vive se transforma em lugar na medida em que ela atribui significado a ele, e à sua própria experiência" (ARAÚJO, 2016, p. 119). Nesse viés, possibilitar a criança conhecer a cidade é ampliar o sentimento de pertencimento ao lugar onde vivem, permitindo que criem significados para além do espaço da casa e da escola, ampliando seus territórios.

Somado a isso, Muller e Nunes (2014) acrescentam que a vida na cidade motiva diferentes experiências da criança no uso e apropriação do espaço, uma vez que as “[...] cidades podem oferecer experiências ricas às crianças, e para isto, as mais diferentes interações são fundamentais” (MULLER; NUNES, 2014, p.670).

5.2.3 Crianças sozinhas na rua: desafios e possibilidades

Uma criança andar sozinha pela cidade e ser cuidada por todos, seria uma utopia? Para Muller e Nunes (2014), “[...] a hostilidade latente do espaço urbano, faz com que as crianças ainda tenham seus mecanismos de usos da cidade restringidos” (2014, p.665). Por consequência, é raro encontrar crianças desacompanhadas de adultos, nas ruas, calçadas ou praças.

Ao ouvir a posição das crianças dos dois grupos sobre saírem sozinhas sem a companhia de um adulto, observou-se a necessidade e o desejo de emoções e desafios. Tonucci (2020) ressalta a importância das experiências, do direito de saírem sozinhas e de ter as condições necessárias para brincarem nas ruas, “[...] uma vez que se possa sair de casa fora de controle e ter tempo livre para fazê-lo, é ter lugares para ir” (TONUCCI, 2020, p. 252). Essas percepções podem ser observadas na conversa com as crianças do Grupo 1:

> **Pesquisadora:** E aí? Está sem ideias?
> **Menina E1:** Tenho muitas, só não gosto de desenhar nem de escrever, só de falar. (Menina E, Grupo1, 9 anos)
> **Pesquisadora:** Então, me fala uma dessas tuas ideias?
> **Menina E1**: Eu gostaria que as crianças andassem nas ruas sozinhas como no Japão. Será que a prefeitura pode fazer isso? (Menina E, Grupo1, 9 anos)
> **Pesquisadora:** Me parece uma ótima proposta. Me digam: Qual o lugar mais longe que vocês já foram sozinhos?
> **Menina B1**: Eu ando sozinha por todo condomínio. Sozinha! (Menina B, Grupo 1, 9 anos)
> **Menino E1:** Eu já fui até o posto. Aquele sabe? Sozinho! Ele é um pouco longe né? (Menino E, Grupo1, 9 anos)
> **Menina E1:** Eu fui até o centro sem a minha mãe, mas fui com a minha prima. ” (Menina E, Grupo1, 9 anos)
> **Menina A1:** Eu posso ir até a calçada do meu vizinho com a minha bicicleta, ele só disse para tomar cuidado para não me machucar. (Menina A. Grupo1, 8 anos) (DIÁRIO DE CAMPO, ABRIL/2022)

Outra questão percebida nas falas das crianças do Grupo 1, foi a tensão entre “inclusão e exclusão, oportunidade e constrangimento”. Por um lado, é percebida a potencialidade do desafio investigativo, a aventura de andarem sozinhas pela cidade; por outro, há nos relatos das crianças as restrições impostas pelo trânsito e pela violência, que resultam na exclusão das crianças dos espaços públicos. Consequentemente tem-se um “[...] saber socialmente implicado, que não se deseja ocultar, centrada na análise da potenciação dos direitos da criança e na desconstrução crítica e política dos fatores de restrição que a cidade oferece” (SARMENTO, 2018, p. 235).

Já no Grupo 2 a vontade de ir a pé não pareceu ser um motivo tão importante, então surgiu algo “mais sério”, mais relacionado ao mundo do adulto, para justificar a preferência de andar a pé para escola:

> **Menino D2**: Eu moro pertinho da Escola. Eu gosto mais quando a gente vem caminhando. Mas quase sempre venho de carro. (Menino D, Grupo 2, 7 anos)
> **Menina F2:** Caminhando é mais divertido…ou de bicicleta. E é muito melhor, assim perdemos a barriga. (Menina F, Grupo 2, 7 anos)
> **Menino D2**: É dá até para emagrecer caminhando, de carro não dá. (Menino D, Grupo 2, 7 anos) (DIÁRIO DE CAMPO, MAIO, 2022)

Observa-se no diálogo transcrito a vontade das crianças de ir caminhando para escola. Em suas narrativas, as crianças demonstram preocupação com o peso, como motivo para irem caminhando para escola, o que é realmente preocupante, pois o sedentarismo traz resultados “[...] profundamente negativos na corporeidade infantil e estão associados a fatores como o aumento da obesidade e do peso infantil, e o desenvolvimento de doenças decorrentes de reduzido exercício físico [...]” (SARMENTO, 2018, p.236). Entretanto, a preocupação das crianças mescla o argumento de gostar de ir a pé e ser divertido com os benefícios à saúde da caminhada, como se fosse uma tentativa de certificar-se que estavam sendo levadas a sério ao utilizarem mais esse argumento que é, de certa forma, mais próximo do discurso adulto.

No diálogo, as crianças também manifestam o desejo de caminharem até a escola e, se possível, sozinhas, conquistando uma maior autonomia. Esse aspecto tem “[...] um impacto específico sobre as crianças, se uma criança puder sair de casa, conhecer outras crianças e conviver com elas, sem controle direto dos adultos, suas brincadeiras terão a grande capacidade de envolver plenamente as demais crianças e levá-las a grandes conquistas” (TONUCCI, 2020, p. 247).

Nessa direção, andar pelas ruas e ver coisas e pessoas diferentes, explorar espaços da cidade, compreende uma prática enriquecedora. “Seguindo este raciocínio, não podemos deixar de lembrar a diversidade da experiência de andar pela rua em termos do conhecimento das pessoas” (ARAÚJO, 2016, p.120), então o fato de ir caminhando de casa para escola é um aprendizado significativo que, por si só, não necessita de mais argumentos.

Nesse sentido, Campos (2019), ao fazer uma relação da cidade com a educação, nos convida a pensar a cidade como espaço potencialmente educativo, permitindo “[...] ampliarmos nossa compreensão de educação, reinventando a escola e a cidade como lugares de convivência, diálogo e aprendizagens” (CAMPOS, 2019, p. 185).

Em síntese, considerando as observações realizadas nos dois grupos percebe-se que associar desenhos com narrativa nas oficinas possibilitou que as crianças compartilhassem suas sugestões acerca da cidade contando suas ideias, sendo que o desenho possibilitou o registro dessas sugestões. Convém pontuar que “O desenho se confirma como convite para que o outro olhe [...]” (GOBBI, 2014, p.161), ou seja, uma forma de comunicar seus desejos e necessidades. No caso das oficinas, as produções de desenhos e as narrativas possibilitam a comunicação das crianças, que querem ser ouvidas e registrar suas opiniões, de modo que esses registros cheguem aos responsáveis pelas mudanças da cidade.

No próximo capítulo, com as considerações finais, são apresentados os resultados desse estudo que foram baseados na “[...]triangulação dos dados das diversas fontes” (YIN, 2016, p.31) numa abordagem de teoria fundamentada, tanto para construção de informação como para análise dos dados, uma vez que, estudos destituídos de conceitos, ou de qualquer interpretação, são apenas “[...] diários ou narrativas cronológicas, mas não pesquisa qualitativa” (YIN, 2016, p.30).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] Senhor, desculpe minha ousadia, mas na sua idade.
De uma orelha tão verde qual a utilidade?
Ele me disse, já sou velho, mas veja que coisa linda
De um menino tenho a orelha ainda
É uma orelha-criança que me ajuda compreender
O que os grandes não querem mais entender [...]
Gianni Rodari[8](apud TONUCCI, 2013, p.13)

A análise dos dados, relacionando as informações com os estudos teóricos, apresentadas mais detalhadamente no capítulo anterior, possibilitaram a seleção das informações mais relevantes para os resultados dessa investigação, que exigiu a extração de conclusões de todo o estudo, ou seja, os resultados aqui apresentados estão relacionados à interpretação e, por meio dela, a todas as outras fases do trabalho, numa "[...] triangulação dos dados das diversas fontes" (YIN, 2016, p.31). Nesse movimento de pesquisa, para refletir sobre as relações das crianças com a cidade, foram fundamentais os diálogos entre a Arquitetura e Urbanismo, Geografia da Infância, Sociologia da Infância, Pedagogia e outras áreas.

Assim sendo, com a pesquisa foi possível compreender a experiência de escuta das crianças que está sendo realizada na Revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal da cidade de Osório/RS. Por meio do mapeamento das ações/Iniciativas, conheceu-se o processo e os percursos que estão sendo trilhados pelo município para contemplar a participação das crianças. Esse paradigma é relativamente novo na cidade, à vista disso Osório tem um longo caminho pela frente, porém decisões importantes já foram tomadas. A principal medida que a cidade adotou foi a escuta das crianças, que aponta para o reconhecimento e afirmação das crianças como cidadãs e membros ativos da sociedade, participantes das decisões relativas a elas e à cidade em que vivem. Tal posição podemos relacionar com o direito previsto na Convenção Internacional dos Direitos das Crianças, que em seu Artigo 12 afirma: "Os Estados Partes devem assegurar à criança que é capaz de formular seus próprios pontos de vista o direito de expressar suas opiniões livremente sobre todos os assuntos relacionados a ela [...]" (ONU,1989).

---

[8] Trecho do poema "O homem da orelha verde", de Gianni Rodari - jornalista, escritor e poeta italiano, especializado em livros de literatura infantil. Conhecido e traduzido em muitos países do mundo.

Nesse sentido, o propósito de ouvir as crianças indica, também, mudanças dos parâmetros do homem adulto-trabalhador pelo ponto e vista das crianças no planejamento da cidade, considerando que “[...] quem tem em conta os desejos e as necessidades das crianças também não terá dificuldade em ter em conta as dificuldades do idoso, da pessoa com deficiência, do extracomunitário” (TONUCCI, 2019, p.61).

A respeito da participação das crianças durante as oficinas realizadas pelos integrantes do Órgão Técnico do Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal, foi possível evidenciar que, enquanto desenhavam ou/e escreviam sobre a cidade, as narrativas e as produções foram relacionadas aos seus repertórios prévios e lugares que conhecem ou frequentam. Entende-se então a importância de conhecer a cidade onde se vive, afinal como dizem Lopes e Vasconcelos (2016), “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor” (LOPES; VASCONCELLOS, 2016, p.121).

Foi possível observar também que muitas crianças imaginaram lugares fantásticos, reais ou fictícios, o que faz parte, segundo Sarmento (2004), “[...] da construção pela criança da sua visão do mundo e da atribuição do significado às coisas”. (2004, p.11). Então é preciso acolher as hipóteses e metáforas das crianças de modo respeitoso, com metodologias apropriadas para sua escuta.

Ficou evidenciado ainda a vontade das crianças de se aventurarem saindo sozinhas na rua. Desejo e necessidade que vem ao encontro da importância destacada nos estudos do Tonucci (2020), ao assinalar que quando a criança sai sozinha, “A cada passo ela tem que tomar decisões diferentes: se deve continuar, se deve mudar de direção, parar para observar algo, se deve coletar algum objeto que lhe interesse. E cada decisão que ela toma tem consequências [...]” (TONUCCI, 2020, p.243).

Nas oficinas, percebeu-se ainda que, quando as crianças não iniciam os desenhos ou/e escritas ou as narrativas de modo autônomo, os convites e a interação com o adulto podem auxiliá-las a encontrar segurança para verbalizar e registrar suas vontades e necessidades, sem cercear suas ações. Assim, a partir da aproximação e interesse em “[...] seus desenhos, considerando-os como chaves que abrem portas ao diálogo e a um mundo de descobertas e tantos assuntos, [isso pode ser vivido] desde que saibamos conduzir a conversa de forma a não determinar o que deve ser respondido, ou melhor, aquilo que se quer ouvir” (GOBBI, 2014, p.158).

Apesar das diferentes expectativas das crianças acerca da oficina nos grupos observados, os resultados indicam que a maioria delas compreendeu a proposta e produziu desenhos ou/e escritas com sugestões significativas sobre a cidade. Ficou evidente o quanto as crianças são presentes e ativas na sociedade, elas identificaram os problemas e as dificuldades vivenciadas nos seus cotidianos, encontraram suas próprias soluções e, por meio dos desenhos e das narrativas, quando lhes foi dada a oportunidade de se expressarem, mostraram suas vontades e necessidades de mudança na cidade em que residem.

Em suma, foi possível evidenciar com esta pesquisa que, de fato, existe uma mudança acontecendo na cidade de Osório/RS, perspectiva nova que está propondo um olhar para a criança, ao mesmo tempo em que está proporcionando à criança olhar para a cidade, participar, opinar e ter suas sugestões consideradas. Ressalta-se o envolvimento do arquiteto Alencar Massulo de Oliveira e equipe na promoção de um caminho de escuta e participação das crianças no contexto pesquisado. Enfatizando também, o papel importante da escola, na relação da criança com a cidade, uma vez que conhecer o lugar em que se vive permite compreender o mundo, compete também a escola e a nós educadores promover o vínculo da criança com a cidade onde vive, assim como oportunizar, a exemplo da cidade de Osório a escuta das crianças no ambiente escolar.

Desta forma este estudo propõe um movimento de escuta que estabeleça relações entre os espaços de dentro e de fora das escolas, promovendo a construção de conhecimento e experiências de aprendizagens significativas, possibilitando que as crianças se apropriem dos espaços públicos, aprendendo “na e com” a cidade. Assim, a relação das crianças com a cidade está sendo ressignificada e estreitada, uma vez que a proposta de escuta criou um canal de comunicação que aproximou a prefeitura das crianças, das escolas e de suas realidades.

Por fim, foi possível concluir que a cidade de Osório está dando importantes passos no sentido de ouvir e considerar a participação das crianças nas decisões sobre a cidade. Dessa forma, a experiência em curso poderá ampliar a possibilidade para a criança viver na cidade no presente, e “[...] com sua presença, com suas brincadeiras, invadindo espaços públicos, elas são capazes de mudar os comportamentos absurdos e irresponsáveis de nós, adultos [...]” (TONUCCI, 2020, p.256). Portanto, considera-se que ouvir as crianças é um caminho possível para conceber uma cidade melhor para todos, com as ruas, calçadas e praças voltando a

ser locais de encontro e troca, devolvendo aos cidadãos o uso público dos espaços urbanos da cidade de Osório/RS.

Chega-se assim na etapa final desta pesquisa, primeiro com o sentimento de alívio por ter dado conta desse estudo, pois todo processo de produção deste trabalho foi carregado de sentidos, de escolhas, de incertezas e inseguranças. Porém, considera-se que cada um desses momentos foi importante para chegar a este resultado, conquistado depois de muitas leituras, estudos, pesquisas, observações, reflexões e análises. Em segundo lugar, a sensação é de aposta e otimismo, pois o tema estudado revelou-se fascinante na medida em que nos provoca a buscar mais conhecimentos para ampliar as discussões a respeito da relação das crianças e as suas infâncias com a cidade.

Assim, conclui-se o trabalho esperando que esse estudo venha a contribuir para relações mais próximas e amáveis das crianças com a cidade e, também, projetar em nós adultos — professores, pais, administradores públicos — enfim em toda sociedade, um olhar mais sensível. E, quem sabe, suscitar orelhas mais “verdinhas” receptivas à escuta das crianças.

REFERÊNCIAS

ANDREETTO, Valéria Gonsalves. **Reggio Emilia e San Miniato**: experiências em política pública para a qualidade da infância. 2014, 154 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas,2014. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/319177 963, *-x+. > Acesso em:29 set.2021.

ARAÚJO, Ana Lucia Castilhano. Infância e Cidade: reflexões sobre espaço e lugar da criança. **APRENDER – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação.** Vitória da Conquista, Ano x, n.16, p.107-127, 2016. Disponível em : < https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/2347 >Acesso em: 29 set.2021.

ARAÚJO, Vânia. A cidade na infância, a infância na cidade. Dossiê Geografias das Infâncias: Fronteiras e Conexões. **Educação em Foco**. Juiz de Fora, v. 23, n.3, p.715-736, set./dez.2018. Disponível em: < https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/20096 > Acesso em : 29set2021

ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança. 1989. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca> Acesso em: 03 de jan.2022

BRASIL**, Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>.Acesso em: 03 de jan,2022.

BRASIL, Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente** e dá outras providências. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>Acesso em: 03 de jan.2022

BRASIL, Lei 13.257 de 8 de março de 2016.Dispõe sobre as **Políticas Públicas para a Primeira Infância.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13257.htm> Acesso em: 03 de jan.2022

CAMPOS, Túlio. **A escola e a cidade:** experiências de crianças e adultos em excursões na Educação Infantil.2019, 320 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: < https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/32669> Acesso em: 29 set.2021.

DIDONET, Vital. É preciso escutar as crianças. **Revista Pátio: Educação Infantil**. Grupo A Educação S/A, Porto Alegre, ano XII, nº 40, p. 16-19 jul./set. 2014.

FARIAS, Rhaisa Naiade Pael; MULLER, Fernanda. A cidade como espaço da infância**. Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 261-282, jan./mar. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/6FSDtKhCPWkPPMdQzwGzSHn/?lang=pt&format=pdf> Acesso em:27 mar. 2022

GOBBI, Marcia Aparecida. **Mundos na ponta do lápis**: desenhos de crianças pequenas ou de como estranhar o familiar quando o assunto é criação infantil. Linhas críticas. Brasília, v. 20, n. 41, p. 147-165, jan. /abr. 2014

GOBBI, Marcia Aparecida *et al*. **Criança Educação e o Direito à Cidade: Pesquisas e práticas**. São Paulo: Editora Cortez,2021

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE Cidades. Fornecido em meio eletrônico. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/osorio/panorama>Acesso em: 20 abr. 2022

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, Coleção Cidades, 2019.

KRAMER, Sonia. Autoria e Autorização**:** Questões éticas nas pesquisas com crianças**. Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p.41-59, jul. 2002.

LA CITTÀ DEI BAMBINI. **Uma rede internacional de cidades das crianças**.2022. Disponível em:< https://www.lacittadeibambini.org/en/ >Acesso em: 11 de mar. 2022

LANSKY, Samy. **Na cidade, com crianças**: uma etno-grafia especializada. 2012, 302 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: < Https://repositório.ufmg.br/handle/1843/BUOS–8UQJDD > Acesso em: 29 set.2021.

LAZZAROTTO, Gislei Domingas Romanzine. *et al.* Infância e Cidade: inventar espaços e modos de viver. Dossiê Territórios e Paisagens de Subjetivação. **Fractal: Revista de Psicologia**. Porto Alegre, v.28, n.2, p.257-265, maio/ago.2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/159363/001015678.pdf?sequence=1&isAllowed=y > Acesso em: 29set.2021.

LIMA, Mayumi Souza. **A Cidade e a Criança***.* São Paulo: Nobel, Coleção Cidade Aberta,1989.

LIMA, Mayumi Sousa. A criança e a percepção do espaço. **Cadernos de pesquisa**, p.73-80, n.31, São Paulo, 2013

LOPES, Jader Janer Moreira, VASCONCELLOS, Tânia de. **Geografia da Infância: Reflexões sobre uma área de pesquisa.** Juiz de Fora: FEME,2005.

LOPES, Jader Janer Moreira, VASCONCELLOS, Tânia de. Geografia da Infância: Territorialidades Infantis. **Currículo sem Fronteiras,** Rio de Janeiro, v.6, n.1, p.103-127, jan. /jun,2006

LORO, Giovana Cristina Cotrin Pensando sobre as crianças na cidade. **Criança Educação e o Direito à Cidade: Pesquisas e práticas.** São Paulo: Editoras Cortez.

LYNCH, Kevin**. A imagem da Cidade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, Coleção Cidades, 2019

MAFRA, Aline Helena. Metodologias de pesquisa com crianças: desafios e perspectivas. **Zero-a-seis: Revista Eletrônica editada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas de Educação na Pequena Infância**. Florianópolis, v.17, n.31, p. 107-119, jan./jun.2015

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa**: elaboração, aplicação e análise de conteúdo – Manual Didático. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 52p.

MARQUES, Vastí Ferrari. **Centro Internacional de Estudos, Memórias e Pesquisas da Infância:** uma proposta de política pública para continuidade das ações educacionais da Rede Municipal de Jundiaí. 2021,172 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2021. Disponível em:
< http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/364220 > Acesso em:
29 set.2021.

MULLER, Fernanda et al. Infância e Cidade: um campo de estudo em desenvolvimento**. Educação e Sociedade**. Campinas, v.35, n.128, jul. /set. 2014. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/es/a/VyYrQTKPWyzjbGScvnwydVb/?format=pdf&lang=pt > Acesso em: 29 de set.2021.

NASCIMENTO, Maria Leticia B.P. (In) visibilidade das crianças e (n) as cidades: há crianças? Onde estão? Dossiê Geografias das Infâncias: Fronteiras e Conexões. **Educação em Foco**. Juiz de Fora, v. 23, n. 3, p. 737-754, set./dez.2018.Disponível em:
< https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/20096 > Acesso em: 29 set.2021.

PÉREZ, Beatriz Corsino. et al. Infância e Cidade: desafios da participação e da representação. Dossiê Crianças e Suas Infâncias na Cidade. **Caderno de Pesquisa em Educação** – PPGE/UFES. Vitória, v.21, n.49, p. 81-99, jan. /jun. 2019. Disponível em: < https://periodicos.ufes.br/educacao/issue/view/1010 > Acesso em : 29set.2021

PREFEITURA DE JUNDIAÍ**. Cidade das Crianças: Jundiaí sedia encontro *on-line* sobre a importância do brincar**.2022.Disponível em: <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2022/03/10/cidade-das-criancas-jundiai-sedia-encontro-on-line-sobre-a-importancia-do-brincar/> Acesso em: 5 mar.2022.

PREFEITURA DE OSÓRIO. **Crianças participam do processo de revisão do Plano Diretor.** 2022. Disponível em:< https://osorio.atende.net/cidadao/noticia/criancas-participam-do-processo-de-revisao-do-plano-diretor> Acesso em: 15 jun.2022.

REVISÃO do Plano Diretor de Osório ouvirá sugestões das crianças. **Jovem Pan News Litoral FM**, Imbé,24 de fevereiro de 2022.1 áudio (19min: 13 segs.) (*online*) Disponível em: < https://jplitoral.com.br/revisao-do-plano-diretor-de-osorio-ouvira-sugestoes-das-criancas/ > Acesso em : 24 fev. 2022

RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emília: Escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

SAIR para brincar-Como planejar com as crianças? Cultural Jundiaí.10 de março de 2022. 1 vídeo (3h:15min:23seg) (*Live*). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dtqQ7eWClpQ> Acesso em: 10 mar 2022

SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância e cidade: restrições e possibilidades. **Revista Educação**, Porto Alegre, v.41, n.2, p.232-240, maio/ago.2018.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças, contexto e identidades. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo **Centro de Estudos da Criança,** Braga, Universidade do Minho, 1997.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Orgs.). **Crianças e miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004.

SOUSA, Susana Maria Martins. **Onde gostamos de brincar?** Uma análise às questões do espaço no jardim-de-infância.2015, 168f. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa,2015.

STACCIOLI, Gianfranco. As di-versões visíveis das imagens infantis. **Pro-Posições.** Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 21-37, maio/ago. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pp/v22n2/v22n2a03.pdf. Acesso em: 12 mai. 2022.

TONUCCI, Francesco. **Quando as crianças dizem: Agora Chega!** Porto Alegre: Artmed. Editora.2005.

TONUCCI, Francesco.**Com Olhos de Crianças.** Porto Alegre: Artmed Editora.2013.

TONUCCI, Francesco. **A cidade das crianças: Um modo novo de pensar a cidade.** Matosinhos: Kalandraka, 2019.

TONUCCI, Francesco. O direito de brincar: uma necessidade para as crianças, uma potencialidade para escola e a cidade. Dossiê Temático: Perspectivas para pensar as cidades: infâncias, educação, democracia e justiça. **Revista Práxis Educacional.** Vitória da Conquista. Bahia.v.16. p.234-257, jul. /set.2020

VOGUEL, Arno. **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. Rio de Janeiro: FINEP/IBAM, Projeto, 1985.

WALSH, Daniel J. A teoria como contexto. In: GRAUE, Maria Elisabeth; WALSH, Daniel J**. A investigação etnográfica com crianças**: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Tradução Roberto Leal Ferreira organização e apresentação Etienne Samain. Campinas: Papirus Editora, 1998.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** Planejamento e métodos. Tradução: Daniel Grassi; Revisão: Cláudio Damacena,2ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim** [recurso eletrônico]. Tradução: Daniel Bueno; Revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso, 2016

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Perguntas norteadoras da reunião/entrevista realizada no dia 11 de abril de 2022, com o arquiteto Alencar Massulo de Oliveira:

Sobre a escuta das crianças

1.Como as crianças estão sendo ouvidas? Como são organizadas as dinâmicas para que as crianças tenham oportunidade de expressar suas opiniões e construir sugestões?

2.Como são feitos os registros dessas sugestões?

3.Como essas sugestões serão validadas (legitimadas)?

4.Existe um comitê das crianças? Ou um conselho infantil?

5.Quantas crianças estão sendo ouvidas?

6.As crianças da Educação infantil estão participando do projeto?

7.Qual a idade dessas crianças?

8.Como a participação das crianças está sendo aceita e entendida pelos adultos, e pelas crianças?

Sobre o Grupo de trabalho

9.Quais profissionais estão envolvidos nesse projeto de escuta das crianças? Secretárias?

Sobre os Projetos

10. Nova escola **Panni**, Revisão do Plano diretor e Projeto ‘acesso’ Seguro. Além desses projetos mais algum? Poderia me contar sobre eles?

Sobre os Programas

11. Foram pensados programas?

Exemplos de Jundiaí como: Ruas de Brincar, Domingo no Parque

12. Mais alguma informação sobre o assunto?

APÊNDICE B – PLANO INICIAL DE PESQUISA

"Olhar aprimorado traz consigo a possibilidade do estranhamento, tão caro a nossa formação humana e profissional, em seu sentindo estrito, derivado de longo aprendizado. Afirmamos que, inscrita no cotidiano as crianças estão lá, mesmo quando aparentemente não estão[...]"

(GOBBI et.al, 2021 p.15)

CRIANÇAS E CIDADE:

A cidade de Osório no olhar das crianças

Acadêmica: Gilse Elaine Krapf

Orientadora: Profª Drª Carolina Gobbato

Diálogos sobre crianças e cidade

Área	Arquitetura e Urbanismo	Geografia da infância	Sociologia da infância	Educação
Estudiosos	Voguel (1985), Jacobs (2019), Lynch (2019), Lima (2013).	Lopes; Vasconcelos (2005;206)	Sarmento (2018)	Tonucci (2005; 2019; 2020) Gobbi et al (2021)
Títulos	As ruas da cidade: espaço público de interações sociais	Rua não é lugar de criança? Territorialidades infantis	O que a criança pode fazer rua? Restrições e possibilidades	Se essa rua fosse minha: escuta do adulto, e o direito das crianças como parâmetro para mudanças na cidade
Compreensões relacionadas a "Crianças e Cidade",	Diálogo com Voguel, Jacobs, Lynch e Lima, com destaque às ruas das cidades.	Aborda conceitos de espaço, lugar e território, assim como a importância do sentimento de pertencimento, no desenvolvimento da criança.	Problematiza as restrições impostas às infâncias e a circulação de forma fragmentada das crianças nas cidades.	Coloca em evidencia a escuta do adulto, e uma postura que possibilite condições para as crianças se expressarem, e os direitos das crianças como parâmetro para mudanças nas cidades.

Estratégias metodológicas para escuta das crianças

- A opção metodológica dessa pesquisa foi a de ouvir as crianças;
- A perspectiva escolhida foi a abordagem mosaico (CLARK;MOSS,2011 apud SOUZA,2015;D"ANDREA,);
- Como estratégia, para construção das informações, foram escolhidos os desenhos junto com a oralidade, o passeio com registros fotográficos, e o exercício de foto-elicitação em ateliês/oficinas

Organização dos ateliês/oficinas

Encontro	Intenção	Procedimentos
1º Encontro: Conhecendo as crianças	Conhecer as crianças participantes da pesquisa; Explicar como vai ser feita a pesquisa e convidá-las a participar.	Conversar com as crianças. Apresentar a pesquisa para as crianças
2º Encontro: Bate papo com as crianças Desenho e Oralidade	Facilitar a introdução do tema Cidade; Escutar as hipóteses e comentários das crianças sobre a rotina delas na cidade;	Conversa informal, usando imagens da cidade; Perguntas norteadoras; Convite para desenharem cidade.
3º Encontro: Explorando os espaços Passeio com registro fotográfico	Visitar um espaço com as crianças. Observar e fotografar a exploração das crianças em espaços públicos; Ouvir e registrar, as narrativas; Mapear as impressões das crianças sobre o espaço.	Passeio investigativo a um espaço público da cidade (Praça)
4º Encontro Ouvindo as sugestões Exercício de foto-elicitação	Discutir sobre a mobilidade urbana; Inventário de ideias sobre as mudanças do espaço visitado.	A partir das fotos impressas do passeio, iniciar um debate, apoiada em perguntas norteadoras. Propor desenhos nas fotos, com sugestões de mudança no espaço visitado.

APÊNDICE C – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa que tem como objetivo investigar as relações entre crianças e cidade. Trata-se de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios de ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos realizados oferece riscos à sua dignidade.

A geração de dados acontecerá entre os meses de abril e maio de 2022, e envolverá um período de convívio. Os registros serão realizados através da observação, gravações de áudio e vídeo, fotografias, recolha documental e diário de campo. Todo material desta pesquisa ficará sob responsabilidade da pesquisadora e acadêmica do curso de Pedagogia Gilse Elaine Krapf, sendo utilizado somente para fins de pesquisa, quais são: escrita do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), publicação de artigos em periódicos, apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos. Caso esteja de acordo, seu nome e cidade serão identificados no trabalho e produções e apresentações acadêmicas e cientificas dele decorrentes, bem como o município será identificado. Sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida em qualquer etapa, sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, você poderá solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo. Você não terá nenhum tipo de despesa ao participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Por meio deste estudo, esperamos trazer contribuições importantes sobre crianças e cidades, para as crianças, para os profissionais da área da Educação e para a cidade. Agradeço sua colaboração para a realização desta atividade de pesquisa e coloco-me à disposição para esclarecimentos adicionais, através do telefone (51) 985525470 ou pelo e-mail: carolina-gobbato@uergs.edu.br

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Depois de ter lido como será esta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu _____

CPF nº_____RG nº_____

Endereço: _____

Exercendo o cargo/função _____, na prefeitura de _____-, de forma livre e esclarecida, concordo em participar voluntariamente deste estudo. Declaro que estou ciente dos objetivos da pesquisa e de minha participação, tendo liberdade de interromper minha contribuição em qualquer etapa, sem nenhum prejuízo. Também autorizo a identificar meu nome no TCC, produções escritas, publicações e apresentações científicas e acadêmicas dele decorrentes, bem como identificar o município no qual coordeno a Revisão do Plano Diretor, que foi objeto desta pesquisa sob o ponto de vista da participação das crianças.

Assinatura _____

Data: _____

Autorização de uso de imagem e dados digitais

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E RESPECTIVA CESSÃO DE DIREITOS (LEI N.9.610/98)

Por esse Instrumento Particular, eu _____

RG nº_____e CPF nº_____

Endereço:_____ por este e na melhor forma de direito, AUTORIZO, de forma gratuita e sem qualquer ônus, à pesquisadora Gilse Elaine Krapf, a utilização de imagem e de trabalhos desenvolvidos, vinculados em material produzidos tais como: fotos, vídeos, gravação de voz, entre outros, em todos os meios de divulgação possíveis, quer sejam na mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros), escrita e falada, Internet, banco de dados informatizados, Multimídia, “home vídeo”, DVD, entre outros, e nos meios de comunicação interna, como jornal e periódicos em geral, na forma de impresso, voz e imagem. Através desta, também faço a CESSÃO a título gratuito e sem qualquer ônus de todos os direitos relacionados à sua imagem, bem como autorais dos trabalhos desenvolvidos, incluindo as artes e textos que poderão ser exibidos, juntamente com a sua imagem. A presente autorização e cessão são outorgadas livres e espontaneamente, em caráter gratuito, não incorrendo a autorizada em qualquer custo ou ônus, seja a que título for sendo que estas são firmadas em caráter irrevogável, irretratável, e por prazo indeterminado, obrigando, inclusive, eventuais herdeiros e sucessores outorgantes. E por ser de minha livre e espontânea vontade esta AUTORIZAÇÃO/CESSÃO, assino em 02 (duas) vias de igual teor.

_____

Assinatura do (a) responsável legal

_____

ANEXO A – CRONOGRAMA DAS OFICINAS

CALENDÁRIO DE OFICINAS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE ENSINO FUNDAMENTAL

REVISÃO DO PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL 2022

LEI Nº 3902, de 06 de outubro de 2006

SEG	TER	QUA	QUI	SEX
	26 ABRIL	27 ABRIL	28 ABRIL	29 ABRIL
	13h - 15h - JOÃO ENET	14h - 16h - MAJOR DE ALENCAR		10h - 12h - 16 DE DEZEMBRO 13h - 15h - 16 DE DEZEMBRO
02 MAIO - A CONFIRMAR	3 MAIO - A CONFIRMAR	4 MAIO - A CONFIRMAR	5 MAIO - A CONFIRMAR	6 MAIO - A CONFIRMAR
10h - 12h - JOSÉ PAULO 13h - 15h - JOSÉ PAULO	13h - 15h - TUIUTI	10h - 12h - PANNI 13h - 15h - PANNI	10h - 12h - ÂNGELO GUASSELLI	10h - 12h - ÂNGELO GAMBA 13h - 15h - MIRKO LAUFER
9 MAIO - A CONFIRMAR	10 MAIO - A CONFIRMAR	11 MAIO - A CONFIRMAR	12 MAIO - A CONFIRMAR	13 MAIO - A CONFIRMAR
10h - 12h - CORDEIRO DE FARIAS	13h - 15h - OSMANY VERAS	10h - 12h - OSVALDO AMARAL	10h - 12h - JOSÉ GARIBALDI	10h - 12h - OSVALDO BASTOS

ORIENTAÇÃO AOS DIRETORES:

AS OFICINAS SERÃO REALIZADAS POR INTEGRANTES DO ÓRGÃO TÉCNICO DO PLANO DIRETOR, COM ACOMPANHAMENTO DA DIREÇÃO OU ORIENTAÇÃO DA ESCOLA.

PARA O DIA, OS PROFESSORES/ORIENTADORES DEVEM SELECIONAR ALUNOS DE CADA SÉRIE, A PARTIR DO 1º ANO, DE ACORDO COM O TURNO EM QUE SERÁ REALIZADA A OFICINA, A FIM DE FORMAR UM GRUPO COM, APROXIMADAMENTE, 20 ALUNOS NO TOTAL.

A OFICINIA INICIARÁ COM UMA APRESENTAÇÃO SOBRE A CIDADE E O PLANO DIRETOR DE OSÓRIO, SEGUIDA DE UMA ATIVIDADE SIMPLES, COM LÁPIS E PAPEL, E QUE SERÁ REALIZADA INDIVIDUALMENTE POR CADA ALUNO DO GRUPO.

O ARQUIVO REFERENTE A ATIVIDADE QUE SERÁ REALIZADA NA OFICINA SERÁ DISPONIBILIZADO PARA OS DIRETORES, CASO A ESCOLA QUEIRA REPLICAR PARA AS DEMAIS TURMAS.